

SILVANY FERREIRA DA SILVA

A IDENTIDADE ÉTNICA DE UMA CIGANA
LÍDER DE UM GRUPO CALON

Orientador: Prof. Dr. Washington Santos Nascimento
Co-Orientador: Prof. Dr. Natalino Perovano Filho

JEQUIÉ-BA
2022

SILVANY FERREIRA DA SILVA

A IDENTIDADE ÉTNICA DE UMA CIGANA
LÍDER DE UM GRUPO CALON

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito para obtenção do Título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

Linha de Pesquisa 1: Etnicidade, Memória e Educação

Orientador: Prof. Dr. Washington Santos Nascimento

Co-Orientador: Prof. Dr. Natalino Perovano Filho

JEQUIÉ-BA
2022

S586i Silva, Silvany Ferreira da.
A identidade étnica de uma cigana líder de um grupo Calon / Silvany
Ferreira da Silva.- Jequié, 2023.
58f.

(Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações
Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da
Bahia - UESB, sob orientação do Prof. Dr. Washington Santos
Nascimento e coorientação do Prof. Dr. Natalino Perovano Filho)

1.Cigana 2.Líder 3.Identidade 4.Cultura 5.Neopentecostal
I.Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II.Título

CDD – 305.891497

Rafaella Cândia Portela de Sousa - CRB 5/1710. Bibliotecária – UESB - Jequié

SILVANY FERREIRA DA SILVA

A IDENTIDADE ÉTNICA DE UMA CIGANA LÍDER DE UM GRUPO CALON

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade

Linha de Pesquisa 1: **Etnicidade, Memória e Educação**

Aprovado em: 30 de junho de 2022.

BANCA EXAMINADORA



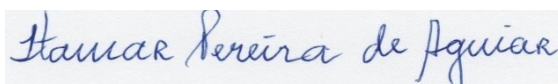
Prof. Dr. Natalino Perovano Filho (UESB)
Co-orientador – Presidente da Banca



Prof. Dra. Cassi Ladi Reis Coutinho (SECULT)
Examinadora Externa

Documento assinado digitalmente
gov.br EDILMA DO NASCIMENTO SOUZA
Data: 18/04/2023 15:52:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro (UFMA)
Examinadora Externa



Prof. Dr. Itamar Pereira de Aguiar (UESB)
Examinador Interno

JEQUIÉ
2022

Dedico este trabalho à minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aos anjos e santos e ao Universo por interceder por mim e pela oportunidade de ter ingressado no Mestrado, e ter-me agraciado com tantos presentes divinos, me dando talvez além do que posso merecer.

Agradeço, de modo especial, a todos os professores, vocês trouxeram a inquietação necessária para querer sempre mais.

Aos meus pais, Antônio e Eudóxia; as minhas irmãs e meu irmão, agradeço pela compreensão e pelo profundo apoio, me estimulando nos momentos mais difíceis.

Ao meu filho, Fabrício, o presente que Deus me deu para a realização de minha vida, agradeço pelo apoio e motivação e compreensão.

Aos funcionários, do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade PPGREC/ODEERE, pelo apoio, o sorriso amigo, pelos abraços, quero expressar os meus sinceros agradecimentos.

Ao meu orientador Prof. Dr. Washington Santos Nascimento pela disponibilidade em fazer a caminhada e pela confiança no desenvolvimento do trabalho, minha eterna gratidão.

Minha gratidão especial ao Presidente da Banca de Defesa, o meu Co-Orientador e, sobretudo, um grande amigo, Prof. Dr. Natalino Perovano Filho, pelo seu profissionalismo e pela pessoa que é.

As professoras Dra. Cassi Ladi Reis Coutinho, avaliadora externa, Profa. Dra. Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro, avaliadora externa, e avaliador interno Prof. Dr. Itamar Pereira de Aguiar, obrigada pelas orientações sábias, o interesse pelas realizações desse sonho, minha eterna gratidão.

Aos colegas, agradeço a cada um, particularmente, pelo sorriso, descontração, palavras de incentivo. Gratidão!

Aos amigos da espiritualidade vocês foram fundamentais na minha caminhada pelas palavras e orações a me direcionadas. Minha eterna gratidão.

À líder cigana que sempre com carinho estava disposta a contar suas histórias e contribuir para as entrevistas, muito obrigada pela compreensão.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A todos que por um instante torceram por mim! Obrigada!

Canta, cigana,
Canta...
Deixa que o vento da vida te carregue,
Que a brisa te abrace
E que as folhas te teçam arpejos,
Nos ninhos dos pássaros.

A solidão nos faz
Aprender a viver,
Dentro de nós,
Num castelo encantado.

Onde se é possível,
Chorar sozinha
E rir, feliz,
Para todos os passantes,
Caminhantes,
Andantes de muitas terras,
De muitos sonhos,
De muitas estradas.

Deixa voar,
O seu sonho de paz,
Porque, um dia, você terá.

Não chore,
Não chore, cigana,
Cante.
Porque, mesmo sem cantar,
Você encanta.
E, Mesmo chorando,
Você sorri.

(Cecília Meireles)

LISTA DE QUADROS

Quadro 01. Marcadores étnicos das sujeitas da pesquisa.....	33
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Esquema representando a proximidade entre o acampamento Calon, a praça onde Ana e Eliana tiveram o primeiro contato e a Igreja neopentecostal.....34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA	— Bahia
FTC	— Faculdade de Tecnologia e Ciências
HP	— Hermenêutica da Profundidade
IBGE	— Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ODEERE	— Órgão de Educação e Relações Étnicas
PPGREC	— Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade
TCLE	— Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento
UESB	— Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UNIFACS	— Universidade de Salvador
UNOPAR	— Universidade Norte do Paraná

RESUMO

Discutir a cultura e tradição cigana no município de Jequié é uma forma de colocar em evidência os debates sobre identidades, principalmente quando são relatados casos de preconceito e discriminação. Diante disso, a presente dissertação teve como objetivo investigar a identidade de uma mulher cigana líder de um Clã Calon. Para tanto, se fez uso de categorias de análises tais como: cultura, identidade, identidade étnica e ciganos. Essas categorias foram base para as definições necessárias para a obtenção e análise dos dados. Foram realizadas entrevistas com duas participantes, sendo a primeira identificada como Ana (nome fictício), a líder do Clã Calon. A segunda participante foi denominada como Eliana (nome fictício), que colaborou com os aspectos da participação de Ana, ao passar a frequentar uma igreja neopentecostal. Foram analisados marcadores da identidade étnica de Ana, tais como: origem do Clã e língua, infância, família, casamento, morte e luto e a religiosidade. A partir das análises das falas das participantes foi possível definir sobre a identidade étnica cigana de Ana, sua manutenção e os possíveis impactos da cultura neopentecostal em sua identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Cigana, Líder, Identidade, Cultura, Neopentecostal.

ABSTRACT

Discussing Gypsy culture and tradition in the municipality of Jequié is a way of highlighting debates about identities, especially when cases of prejudice and discrimination are reported. Therefore, the present dissertation aimed to investigate the identity of a gypsy woman leader of a Clan Calon. For that, analysis categories were used such as: culture, identity, ethnic identity and gypsies. These categories were the basis for the necessary definitions to obtain and analyze the data. Interviews were conducted with two participants, the first being identified as Ana (fictitious name), the leader of Clan Calon. The second participant was called Eliana (fictitious name), who collaborated with the aspects of Ana's participation, when she started to attend a neo-Pentecostal church. Markers of Ana's ethnic identity were analyzed, such as: clan origin and language, childhood, family, marriage, death and mourning and religiosity. From the analysis of the participants' speeches, it was possible to define Ana's gypsy ethnic identity, its maintenance and the possible impacts of the neo-Pentecostal culture on her identity.

KEYWORDS: Gypsy, Leader, Identity, Culture, Neo-Pentecostal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
1.1 Cultura	16
1.2 Identidade	19
1.3 Identidade Étnica	20
1.4 Ciganos	22
1.5 Ciganos: presença no Mundo e em Jequié	23
2. PERCURSO METODOLÓGICO	29
2.1 Métodos e técnicas para a obtenção de dados	29
2.2 Métodos de Análise	30
2.3 Questões éticas	33
2.4 As sujeitas da pesquisa	33
3. ASPECTOS DA IDENTIDADE ÉTNICA DE ANA	35
a) Origem do Clã e a Língua	36
b) Infância e Família	36
c) Casamento	39
d) Morte e Luto	41
e) Religiosidade	44
4. CULTURA CIGANA X NEOPENTECOSTALISMO	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

As informações sobre as Comunidades Ciganas ainda estão envoltas em desinformações e estigmas. Os relatos encontrados acerca dos Ciganos apontam a forma como eram e ainda são encarados na Sociedade.

No processo de dispersão pelo Mundo, são apresentadas indicações de presença em diversas localidades, tais como Egito, Índia, Portugal e, entre outros países, Brasil.

A dispersão no Brasil apresenta relatos da presença em diferentes estados, dentre eles na Bahia. Neste Estado, residem uma variedade de municípios, bem como na cidade de Jequié.

Esta presença na cidade ocasionou o encontro da pesquisadora com um grupo de Ciganas em uma praça e, diante disso, surgiram questionamentos sobre a presença dos ciganos na cidade de Jequié, tais como: “Porque ainda existe preconceitos com os ciganos?”, “O que diferencia um cigano de um(a) não-cigano(a)?”.

Diante destes questionamentos, de minha trajetória de vida, dos conhecimentos durante a participação nos cursos de extensão do ODEERE (Órgão de Educação e Relações Étnicas) e culminando em minha entrada no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) tais inquietações e questionamentos foram configuradas em uma pergunta que tornou-se a questão norteadora da pesquisa, apresentada nesta dissertação, que foi: **“Qual a identidade étnica de uma cigana na Cidade de Jequié?”**

Diante disso, buscou-se contato com as ciganas que estavam na praça, para definir a(s) que poderiam participar da pesquisa. Verificou-se que pertencem a um grupo cigano denominado Calon e que a liderança do grupo é exercida por uma mulher. Diante disso, a questão de pesquisa passou a ser **“Qual a identidade étnica de uma Cigana Líder de um grupo Calon.**

A problemática que guia a questão de pesquisa, permitiu percebermos as diversidades que permanecem na história cultural cigana e investigar as expressões da identidade étnica da líder cigana e as relações de contato, no contexto da participação religiosa como frequentadora de religião neopentecostal.

Dentro desse cenário, falar sobre ciganos é analisar tradições, representadas por práticas, reguladas por regras, valores, normas de comportamentos por meios das

reproduções, que emitem continuidade em relação ao período.

No Brasil, as etnias ciganas destacam-se em três amplos grupos: os Rom, os Sinti e os Calon. Na pesquisa realizada, a mulher cigana, definida como participante, faz parte do terceiro grupo, o Calon.

Para o desenvolvimento deste trabalho foi utilizada a reflexão de Ciampa (1987) que entende a identidade como dinâmica, em constante transformação, moldada entre os contextos históricos, social e os projetos de vida.

Os estudos sobre ciganos auxiliam a compreender a dinâmica do processo que envolvem a construção da identidade e das fronteiras denominadoras/delimitadoras desta identidade, proporcionando outras reflexões sobre os sinais diacríticos que se apresentam na constituição étnica dos grupos.

A natureza da pesquisa foi de base qualitativa, por envolver os motivos, as intenções, crenças, valores, atitudes a partir dos quais as relações tornam-se significativas. No entanto, a abordagem qualitativa utilizada não pretendeu definir o “certo” ou “errado”, mas, sim, investigar a realidade vivida pela mulher cigana, dentro e fora do espaço que está inserida para a construção da sua identidade.

Os contatos e aproximações com a colaboradora foram importantes para a obtenção dos dados e continuidade da pesquisa. Para tanto, utilizou-se de técnicas de pesquisa como: entrevistas semiestruturadas, gravações, diário de campo e observação participante.

Tomando como o referencial teórico metodológico a Hermenêutica da Profundidade (HP) de Thompson (1995) para analisar e interpretar as opiniões, as crenças partilhadas pela participante visando analisar as formas simbólicas e contexto social.

O processo de construção da identidade da mulher cigana é fonte de informações que se constitui de ampla importância para os estudos da antropologia, uma vez que, neste trabalho, foi permitido investigar como são construídas as identidades ciganas nos espaços em que está inserida.

Além disso, o estudo justifica-se por colaborar, expandir e dar visibilidade às comunidades ciganas que estão progressivamente integrados, construindo suas identidades fazendo parte do espaço urbano e rural. Mas, que continuam sendo excluídas, discriminadas e desrespeitadas na sociedade brasileira.

Neste conjunto de circunstâncias e fatores é importante que se façam reflexões sobre a dinâmica e a força do poder simbólico dessas fontes, pois tem importância

significativa que envolve o resgate da memória e informação contemporâneas. Desta maneira, acredita-se que o tema contribuirá com os estudos acadêmicos, devido à temática Construção da Identidade só ser compreendido após as relações entre sujeitos e o mundo em que está inserido.

No meu caso, tive contatos com pessoas de religiões díspares como: católicas, kardecista, evangélicas, candomblecistas, umbandistas entre outras que não intervinha na minha escolha, que sempre transmitiam saberes imprescindíveis para a construção individual e coletiva. Porém, cresci convivendo com a Igreja Católica Apostólica Romana, cumprindo todos os ritos (Batismo, Primeira Comunhão e Crisma). Após, realizar esses ritos, fui catequista, e tinha a missão de divulgar e transmitir a fé sobre a orientação de um padre e freiras, participei da Legião de Maria, Grupos de Jovens e de cursos de Difusão Parapsicologia e Religião.

Na caminhada profissional sempre estava em contato com pessoa de diversas identidades e pertencimentos. Todas essas experiências e aproximações com a diversidade étnica, seja no campo religioso ou profissional, possibilitaram compreender as expressões e os direitos de cada etnia ou grupo. Em especial, nesta pesquisa, por ter podido analisar a identidade da mulher cigana Calon nos locais em que está inserida.

Diante disso, a presente dissertação está organizada, após esta introdução, temos o capítulo 1 intitulado “Fundamentação teórica, que trata sobre as categorias de análise, sendo elas: cultura, identidade, identidade étnica e ciganos. Categorias que foram necessárias para a obtenção e análise dos dados.

No capítulo 2, intitulado “Percurso metodológicos” foram apresentados os métodos e técnicas utilizadas para a obtenção e análise dos dados da pesquisa, bem como o comprometimento com as questões éticas junto às sujeitas da pesquisa.

Os “Aspectos da identidade étnica de Ana” é o título do capítulo 3, no qual são apresentados marcadores da identidade étnica cigana do grupo e do Clã Calon, do qual Ana (sujeita da pesquisa) é líder.

A relação ou influência da cultura neopentecostal na cultura cigana de Ana foi o tema abordado no capítulo 4, intitulado “Cultura cigana x neopentecostalismo. Surge a participante Eliana, que traz aspectos de Ana enquanto frequentadora da igreja neopentecostal.

Para finalizar a dissertação são apresentadas as considerações finais, com as indicações finais da dissertação sobre a identidade étnica cigana de Ana como líder

do Clã Calon. Além de trazer perspectivas futuras para a continuidade da pesquisa seguidas pelas referências bibliográficas utilizadas para a produção desta dissertação.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Fortin (1999) “rever a literatura equivale a fazer um balanço de tudo que foi escrito no domínio da investigação em estudo”. Para guiarmos a investigação utilizamos algumas definições que nos ajudam entender a complexidade da construção da identidade da mulher cigana no contexto histórico.

A definição das categorias Cultura, Identidade, Identidade Étnica e Ciganos causa um ângulo diferente sobre o estudo, isso porque, aproximar-se destas dimensões relacionadas ao problema tomando como categorias analíticas. As categorias desenvolvidas, possibilitam interpretações das vidas ciganas, e auxiliam entendermos as características socialmente herdadas, aprendidas em seu cotidiano, que se faz presente em toda esfera da vida do indivíduo. Diante disso iniciaremos a definição para Cultura nesta dissertação.

1.1 Cultura

A partir do século XVI, as gamas de conhecimento sobre Cultura vêm sendo debatido intensamente por pesquisadoras e pesquisadores das áreas da antropologia e sociologia, por amplificar os estudos da diversidade cultural e suas relações com o meio que estamos inseridos.

Frente ao exposto, o termo cultura, no sentido extenso, tende a se relacionar à processos de mudanças nos modelos de organizações sociais, uma vez que, estudar as diversidades culturais de forma dinâmica é essencial ao desenvolvimento do ser humano. Por permitir a socialização, multiplicidade de saberes construídos nas interações sociais com aqueles que nos circundam, por ser entendida como o conjunto de regras que orienta e por dar significados aos grupos sociais.

Diante das mais variadas ações, a troca de conhecimento entre culturas diferentes é presente e contínua, transformando a base cultural. Uma cultura necessariamente vai passar por transformações ao longo do tempo, por consequência de fatores externos ou internos e, por isso, a identidade está sempre sendo colocada em questão.

É considerável evidenciar que os conceitos de Cultura são complexos para ser explorado rapidamente devido suas multiplicidades de definições empregados com diferentes objetivos. Comumente a Cultura é considerada simbólica por provocar

interações sociais, inevitavelmente em diversos contextos, e determinar novas descobertas.

Então, podemos dizer que cultura engloba os costumes comuns e aprendidos do viver, transmitidos pelos indivíduos, grupos em sociedades por ser elementos fundamentais que determina e orienta o comportamento, pensamento e princípios da cultura.

A partir dessa ideia, aprofundaremos o primeiro conceito de Cultura na reflexão da pesquisa qualitativa de Geertz (1989, p.15) que a fundamenta como uma teia de significados e símbolos, em cujo termo definem seus mundos, revelam as escolhas, seus achados e faz seus julgamentos de maneira satisfatória.

Assim, ao fazer referência ao conceito de Geertz (1989), compreende-se que as questões estruturais das sociedades, nas diferentes épocas e realidades, por entre os sistemas simbólicos, permitem interpretações possíveis e emanam questões culturais, como, por exemplo: os valores, as crenças, costumes que são importantes ao desenvolvimento humano e para a construção das identidades, porque todos os indivíduos são portadores de cultura e estão continuamente nos processos de mudanças. Nesse contexto, esses preceitos compartilhados de significados são o que se entende por Cultura, por criar nossa identidade cultural que compõem o sujeito e grupos que orientam as próximas gerações em suas vivências e experiências.

Conforme Thompson (2000), as culturas são concebidas por:

Padrões de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças (THOMPSON, 2000, p. 176).

Em outros termos, entende-se que as formas simbólicas são como produções e aspectos de transmissões, aplicações de regras, códigos, convenções diferentes que precisam estar inseridas em contextos, situações, construídas gradativamente em situações práticas.

Outro respeitável autor, que colaborou para a definição de Cultura, foi Santos (2006), com a seguinte demarcação de cultura.

A cultura, então, é uma dimensão do processo social da vida de uma sociedade, ela diz respeito a todos os aspectos da vida social e é errado dizer que ela existe em alguns conceitos e não em outros, ela é uma construção histórica. (SANTOS, 2006, p.43).

Pode-se afirmar, com base na declaração acima, que Cultura são processos

coletivos da vida humana, uma construção histórica e social que permanecem incluídos nos saberes tradicionais, hábitos, costumes, tradições, manifestações culturais, danças, a maneira de pensar, que não pode ser compreendida fora da sua realidade devido ao caráter simbólico da cultura está consecutivamente presente.

O autor ainda pontua que:

A cultura é um território bem atual das lutas sociais para um destino melhor. E uma realidade é uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade (SANTOS, 2006, p.45).

Sob essas perspectivas de Santos compreendemos que toda Cultura tem sua importância particular para a sociedade por participar e compartilhar de processos históricos diferentes, porque tem suas próprias formas de classificar o mundo. Porém, é bom lembrar que a relevância para uma Cultura tradicional não tem a mesma importância para uma Cultura de classe.

Por conseguinte, as Culturas tradicionais são organizadas em torno dos elementos do passado, ou seja, costumes e hábitos dos seus antepassados, preservando seus valores. Enquanto a Cultura de classe é a separação por classe social. Dessa forma, a cultura está permeada pelos fatores sociais concretos.

Diante do acima exposto definição John. B. Thompson (2000) para Cultura foi a que escolhemos para ser empregada no desenvolvimento da pesquisa e na escrita dessa dissertação.

Outro fator que se leva em consideração são as contribuições de múltiplas subjetividades pela Cultura ser algo vivido, aprendido, produzido, transmitido, apropriado e que se pode compartilhar para a gerações futuras. A Cultura, também pode ser entendida como ligação social que a Calin¹ e o Calon adquirem, dos seus grupos, conjuntos de orientações padronizados para problemas recorrentes e comportamentos aprendidos entre outros.

Nesta perspectiva, vale ressaltar que a Identidade é uma expressão da Cultura do indivíduo, bem como, de uma nação ou sociedade, compartilhada com diferentes componentes do grupo. Dessa forma, Cultura e Identidade estão diretamente relacionadas e, em virtude disso, se fez necessário trazer a definição de "Identidade" que foi utilizada no desenvolvimento da pesquisa.

¹ Calin é como são chamadas as mulheres do clã Calon.

1.2 Identidade

A Identidade está relacionada aos conjuntos de características culturais dos grupos sociais no qual o indivíduo está inserido, tais como: cultura, história, local e idioma. Tais características são importantes para que grupos compartilhem elementos identitários.

Na expectativa de Dubar, “a identidade nunca é dada, é sempre construída e a (re)construir e nunca é dada, em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos durável” (DUBAR, 1997, p. 104).

Neste sentido, as formações das identidades dos sujeitos têm dualidades de papéis que estão sempre em transformações através das relações com a cultura, com seus pares e com o mundo. Assim, percebe-se que as identidades são construídas como trabalho simbólico dos indivíduos em, e com a, sua cultura.

Convém lembrar que, as identidades do indivíduo são construídas no ambiente que permanecem inseridos, pelos processos de comunicações representados por meios de símbolos culturais, envolvendo à posição de indivíduos e de que os grupos estejam dentro de um sistema e com históricos das relações sociais.

Como explicita Silva (2014, p.82) “a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora”. Assim, podemos dizer que a identidade é um marcador, que inclui e exclui ao mesmo tempo, indicando quem pertence e quem não pertence, ou seja, a Identidade é construída pela diferença.

A identidade, em um contexto amplo, é produzida e reconhecida pela semelhança ou afinidade entre pessoas, grupos locais, regionais ou de uma mesma nacionalidade e entre povos de mesmo continente. Entende-se que é pela identidade e pelas representações que estamos inclusos no sistema social.

Sobre esta ótica, os conjuntos das representações são percebidos de duas formas como: a identidade para si, e, ao mesmo tempo, para o outro. No presente estudo, foi considerado que as identidades são construídas e reconstruídas nas relações sociais e situacionais, como tais, são carregadas de símbolos étnicos que estão presentes no modo de ser, de fazer e de viver, visto que elementos como esses são passados de geração a geração, dos mais velhos para os mais jovens, e vão atribuindo novos significados a acontecimentos em diferentes segmentos de sua cultura que dão significado para a vida.

Sobre esse viés, Ciampa (1987) aponta a identidade da seguinte forma:

Dizer que a identidade de uma pessoa é um fenômeno social e não natural é aceitável pela grande maioria dos cientistas sociais [...]. Com efeito, se estabelecermos uma distinção entre o objeto de nossa representação e a sua representação, veremos que ambos se apresentam como fenômenos sociais. [...]. Não podemos isolar de um lado todo um conjunto de elementos biológicos, psicológicos, sociais, etc. que (podem caracterizar um indivíduo como uma duplicação mental ou simbólica, que expressaria a sua identidade). Isso porque há uma interpretação desses dois aspectos, de tal forma que a individualidade dada já pressupõe um processo anterior de representação [...] (CIAMPA, 1987, p.64-65).

Constata-se nesse conceito que não são separados aspectos biológicos dos sociais e culturais aos quais o sujeito está submetido. Pois, ao nascermos adentramos a Cultura e dela nos apropriamos através do processo de identificação.

Diante disso, tomamos como definição de Identidade a que foi apresentada por Ciampa (1987), por trabalhar com a teoria do agir juntamente com o processo de humanização da pessoa. O autor demonstra sensibilidade valorizando a vida do sujeito, pois cada pessoa busca o reconhecimento em sua subjetividade devido a ser construído de forma relacional, no meio onde está inserido.

Assim, podemos conceber que os indivíduos são responsáveis pela condução de sua história, construindo novas identidades nas interações sociais. A partir das discussões aqui apresentadas podemos destacar que no processo de identificação os marcadores são de extrema importância, dentre eles destacamos os marcadores étnicos e, por esta razão, será apresentada a definição de identidade étnica utilizada.

1.3 Identidade Étnica

Assim como a definição de identidade, a identidade étnica está diretamente relacionada com a definição de Cultura, tendo em vista que está baseada em um processo social concreto, em constante (re)construção, pois, trata-se das relações, entre indivíduos e nas sociedades.

Diante disso, utilizamos a definição de Roberto Cardoso de Oliveira (1976, p.5) indicando que a identidade social “supõe relações sociais tanto quanto um código de categorias destinado a orientar o desenvolvimento destas relações”.

O código representa oposições ou contrastes a partir das experiências de contatos e seus interesses com grupos interétnicos, sendo importantes no processo por descreverem de forma significativa o processo de reconhecimento de grupo, como

apontado nos estudos de Roberto Cardoso de Oliveira.

Com relação ao termo “grupos interétnicos” é empregado para delimitar a interação de contato entre etnias de forma geral. Além disso, é por meio das interações étnicas, juntamente com os elementos identitários dos diferentes grupos étnicos, que as identidades são mantidas e/ou atualizadas.

No contexto histórico é importante explicar que em 1960, Roberto Cardoso de Oliveira, uma das maiores autoridades em questões das diferenças étnicas, apresentava em seus estudos o conceito de identidade étnica como um fenômeno resistente a mudanças.

Diante disso, a identidade étnica é entendida como sendo auto classificatória, porém, a autoclassificação de si geralmente não vai concordar com a classificação feita pela coletividade envolvente. Para Oliveira (1976), a identidade étnica é construída tendo outra identidade como referência. Em outras palavras, a identidade étnica tem a função de fortalecer laços entre indivíduos de um mesmo grupo, ou colocá-lo em oposição a outra identidade.

Para a antropóloga Teresa San Román (1989, p.205), “o que torna uma identidade étnica significativa não é o seu lugar no sistema de negociação de pertença identitária, nem a sua singularidade, mas a capacidade de resistir, de marcar uma oposição histórica”. Nesta lógica, vale ressaltar que oposições propiciam a diferenciação dos símbolos, da história comum, dos sentimentos entre os membros, demarcando sua identidade étnica.

Goicoechea (2011 *apud* SOUZA, 2017, p. 228) define que:

A identidade étnica, subjetivamente experimental, está cheia de imagens, paisagens, gestos, sabores, odores, emoções, expressões. Há um vínculo dessa paisagem ligado à sua própria biografia e usa memória episódica, sem poder imaginar que possa ser o destino, por isso, parece evidente, natural, porque está profundamente enraizado na construção biopsicosociocultural e socializada entre si mesmo e os outros (Goicoechea, 2011, p.228).

Assim, as identidades étnicas são estabelecidas a partir do contato real entre indivíduos e não no isolamento. Podem ser também estabelecidas nas fronteiras de contatos e definir traços em comum. Dessa forma, para entendermos as identidades étnicas se faz necessário destacar que, mesmo com as diferentes pluralidades, é primordial a autoidentificação, ou seja, o reconhecimento da própria identidade.

Com base nisso, é importante destacar que os sinais diacríticos de um grupo não são escolhidos aleatoriamente, depende da presença do outro grupo na

sociedade.

Em virtude do acima exposto, bem como, para delimitar os aspectos da cultura e da identidade étnica da participante da pesquisa, se fez necessário definir a categoria “Ciganos”.

1.4 Ciganos

O historiógrafo Rodrigo Corrêa Teixeira (2008), no livro “História dos Ciganos no Brasil”, afirma que o termo cigano comumente gera uma série de inquietudes semânticas, ideológicas, antropológicas, entre outros. O autor indica ainda que a nomenclatura é tida como insulto e por isso não se pode fazer uma síntese conclusiva.

Contudo, Teixeira (2008) apresenta que:

O termo cigano não designa as comunidades por nomes que elas próprias dão para si. Ela designa, isto, sim, uma abstrata imbricação de comunidades ciganas. A diferença é muito grande, pois na realidade não existem ciganos, mas sim diversas comunidades (historicamente diferenciadas) chamadas de ciganas, mantendo relações de semelhança e/ou dissemelhança umas com as outras (TEIXEIRA, 2008, p.11).

Em seu trabalho, o autor ainda explica que não se deve chamar os ciganos de povo, porque a expressão tem significados pouco precisos, porém, muito ambíguos.

Neste sentido, é importante destacar que o termo “Ciganos”, mesmo sendo genérico, foi utilizado na pesquisa e na escrita da dissertação. Entretanto, o termo Rhoma é indicado para ser empregado quando se busca abranger as comunidades ciganas como nação.

Para o pesquisador Frans Moonen (2011), em seu livro “Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil”, confirma que o termo cigano é considerado genérico, sendo considerado como inventado no século XV na Europa e até hoje é adotado. O autor ainda pontua que “o próprio cigano, porém, costumam utilizar autodenominações diversas”. (MOONEN, 2011, p.13). Os ciganos são divididos em Grupos ou Clãs, sendo destacados três: os Rom ou Roma, divididos em subgrupos com denominações próprias; os Sinti, que falam o Sintó; e os Calon que falam o Caló ou Kalé.

Diante disso, é importante o conhecimento que envolve essas comunidades historicamente discriminadas, conhecer como as mulheres ciganas integrantes dos acampamentos olham para si e para o coletivo, além de como se identificam no meio

em que residem.

De acordo com Dimitri Fazito:

O termo cigano é, na realidade, um estereótipo que incorpora vários Significados e interpretações preconceituosas que, de certo modo, impõem àqueles assim identificados, determinadas formas de comportamento e valores. Por outro lado, o termo cigano também não é uniforme ou fixo no tempo e espaço, pois depende das percepções individuais e coletivas, do contexto das interações dos sentidos ou das interpretações elaboradas pelos autores (FAZITO, 2000, p. 89).

Tendo em vista as discussões apresentadas, faz-se necessário que se conheça a etimologia do termo cigano e sua complexidade, além de não generalizar, tendo em vista que não é uma influência única e a nomenclatura não é fixa no tempo e espaço.

Diante disso, cabe destacar que a cultura cigana não existe como unidade, geralmente, apresenta diferenças entre membros do mesmo grupo que estão em diferentes localidades, bem como, com membros de grupos distintos. Apesar disso, as diferenças não impedem que os membros mantenham marcadores étnicos que evidenciem seu(s) pertencimento(s)

Diante do acima exposto, adotamos a conceituação de “Ciganos” apresentada por Teixeira (2008). Porém, é importante compreendermos o percurso dos Ciganos no Mundo até sua presença na cidade de Jequié.

1.5 Ciganos: presença no Mundo e em Jequié

As informações do surgimento das diferentes comunidades ciganas não são de fácil acesso e estão envoltas em preconceitos, discriminações e enigmas. As documentações existentes estão dispersas e quase escassas, visto que os aspectos da Cultura e comunidade ciganas foram transmitidas de geração para geração, majoritariamente de forma oral. Assim, pode-se afirmar que a quase totalidade da história cigana foi escrita pelos não-ciganos (gadjé²).

Contudo, há indicações de que a origem cigana está relacionada à Índia, de maneira especial a região do Punjab. No entanto, apesar de não haver consenso na afirmação da origem dos ciganos, tomou-se a hipótese provável que este seja o seu

² Segundo Guimarães (2012, p.5), os termos utilizados pelos ciganos para identificar os não-ciganos são: Gadjó, Gadjé, Gadge, Gajão, Payo, paio. Essas denominações são encontradas nos diálogos entre e com ciganos no Brasil, mas, também, em pronúncias modificadas em vários países. Os ciganos que acompanhei trata os não-ciganos por gadjé, gajin ou brasileiros.

surgimento, essa origem não tem sido colocada em questionamento. Além disso, estudos apontam que passaram pelo Egito, pelo continente europeu, entre outros locais que caíram em descréditos (os ciganos seriam sobreviventes de Atlântida).

Outro aspecto importante que Teixeira (2008) menciona é a teoria de Grellmann que destaca uma análise sobre a origem indiana, na qual verificou-se que de 400 palavras analisadas, e de cerca de trinta palavras pronunciadas por ciganos, treze tem origem no hindi, língua derivada do sânscrito (TEIXEIRA, 2008, p.10). Sendo assim, o autor acredita que através da análise linguística a origem indiana pôde ser comprovada.

As comunidades ciganas não compõem uma população homogênea e sim heterogênea, devido a ocorrência de ondas migratórias, datadas dos séculos XV e XIX, levando consigo suas culturas e experiências. De acordo com Teixeira (2008, p.4), o povo cigano começa a dispersar pelo mundo há cerca de mil anos, quando começaram a ter contato com outros povos no século XV.

É nesta heterogeneidade que reside um dos maiores valores da cultura cigana, pois os mais variados grupos ou comunidades ciganas vivem em diferentes territórios, com valores, crenças, costumes, renda e formas de vida nem sempre semelhantes (DANTAS e GOLDFARB, 2013).

Apesar desta diversidade, cada comunidade cigana tem particularidades próprias como: língua, costumes, hábitos e cultura, por isso ao falar de comunidades ciganas, faz-se necessário compreender a cultura e sua história. Embora, se apresentem como um único povo para quem estão de fora do seu convívio, são completamente diferentes por está dividido Clãs ou Grupos.

Sobre a presença e a história cigana no Brasil podemos indicar o primeiro documento, do ano de 1574, na segunda metade do século XV, identificado como o Alvará de D. Sebastião. Ainda neste ano, foi relatada a presença dos primeiros ciganos que chegaram enviados de Portugal, tratava-se da família de João de Torres, com sua mulher Angelina e filhos, que foram degredados pelo fato de serem da etnia cigana. A esse respeito, destaca-se que João de Torres, foi condenado às galés e Angelina deveria deixar o país em dez dias com seus filhos (TEIXEIRA, 2008, p.15).

De acordo com Teixeira (2008), as deportações dos ciganos se iniciaram vigorosamente a partir de 1686. Nesse período dois documentos portugueses informaram deportações de ciganos para o Maranhão, pois anteriormente eram degredados para as colônias africanas. Com isso, indica-se que assim foi iniciada a

trajetória dos ciganos Calon, no Brasil, que atualmente habitam municípios do Rio Grande do Norte e da região Nordeste.

De acordo com Teixeira, as razões das escolhas da Coroa pelas capitânicas do Maranhão apresentavam dois objetivos: entre eles “afastar os ciganos das áreas brasileiras de mineração, agricultura e dos principais portos localizados no Rio de Janeiro e Salvador”. O segundo objetivo foi que “esperavam que os ciganos ajudassem a ocupar extensões de áreas dos sertões nordestinos, ocupados a até então pelos indígenas”.

Em sua análise, Teixeira (2008) destaca Salvador como primeira capital da colônia e que os ciganos proporcionaram desenvolvimentos econômicos significativos. Por esses motivos, a pesar dos ciganos ser considerados perigosos, preferiam-se os ciganos aos índios.

Além disso, Teixeira (2008) cita Costa, que ressalva o momento proveniente de deportações expedida pela comunicação de Lisboa que aconteceu em 1718, para Pernambuco e Ceará, no Brasil e para Angola, na África. Nessa comunicação, foram apresentadas regras para a deportação, tais como, por exemplo: tomar cuidado para os ciganos não ficarem em Pernambuco e aos governadores do Ceará e Angola, para que não aceitassem que os ciganos retornassem a Portugal, nem fosse permitido o uso da língua, chamada de gerigonça.

As presenças ciganas são registradas em Minas Gerais em 1718 e geraram desconfortos nas autoridades. Essas comunidades vindas da Bahia foram deportadas de Portugal. Os períodos do final do século XVIII e início do século XIX ficaram conhecidos e marcados como “carrera de ciganos” devido às perseguições policiais. Os motivos da carrera cigana estavam relacionados ao fato de que os Ciganos estavam sendo considerados como “perturbadores da ordem”.

Moraes Filho (1992) indica que os ciganos passaram a ter aceitação no período da Independência, no entanto, com alguns detalhes que são importantes de se observar como:

Nos anos que precederam a Independência, durante a permanência da Corte portuguesa no Brasil, parece ter sido o momento de maior aceitação e de valorização romântica da comunidade cigana, ao menos no Rio de Janeiro, durante os oitocentos. Essa comunidade vivia em pleno florescimento econômico e artístico. Apesar da comunidade do campo de Sant’Ana ter formado a partir de miseráveis famílias deportadas no início do século XVII (MORAES FILHO, 1982, p.27).

Conforme as informações acima e levando-se em consideração os processos

de dispersão realizados através de perseguições e preconceitos, a comunidade cigana no Brasil está dividida em três grandes grupos: os Rom, os Sinti e os Calon. De acordo com os relatos, os Rom migraram no Leste Europeu no século XIX e falam o romani. Os Sinti constituem um grupo significativo oriundos da Alemanha, Itália e França, que possivelmente partiram no século XIX. Falam o sintó e são subdivididos em Sinté Franceses e Sinté Alemães. Os Calon são originários da Península Ibérica e falam o caló. São considerados os primeiros, cuja aparição data do século XVI. Nos estudos de Teixeira, ele complementa que não existem dados que façam referência à subgrupos no grupo Calon (TEIXEIRA, 2008. p.12).

Apesar de serem identificados como um grupo único e homogêneo, são observadas diferenças, tendo em vista que essa diversidade é um efeito da diáspora. Hall (2003, p.27) complementa que “na situação da diáspora as identidades tornam-se múltiplas”.

Acerca dos ciganos na Bahia, conforme documentações de 1718, referem-se a um panorama de lutas entre portugueses e holandeses. Em 1624, holandeses tomaram e destruíram engenhos do Recôncavo e no ano subsequente, com a expedição Armado luso-espanhola - “as Jornadas dos Vassalos” - enviados pela coroa para reconquistar Salvador, os holandeses foram vencidos e obrigados a partir. Já em 1625, a cidade contou com a presença de homens ciganos nas armadas portuguesas contra a invasão holandesa.

China (1936) indica que há informações da presença de ciganos na cidade de São Paulo, em 1716, quando foi solicitada a expulsão no prazo de 24 horas, sobre pena de serem presos, visto que eram povos que andavam com jogos e outras perturbações. Em 1760, os vereadores de São Paulo deram um prazo de 24 horas para um bando de ciganos, que tinha sido expulso de Minas Gerais, saírem da cidade.

A partir do que fora pesquisado, os ciganos não tinham possibilidades de sedentarização por lei, fazendo com que os ciganos continuassem em trânsito. Situação que foi perceptível recentemente e até nos dias atuais. Indira Silva Souza (2012, p.17) relata que “a realidade social entre ciganos no interior da Bahia é de fato uma situação preocupante, no sentido do descaso dos poderes públicos para com os mesmos”. Contemporaneamente ainda são vítimas do preconceito arraigados ao longo do tempo.

A partir dos relatos da presença dos ciganos na Bahia, foi também verificada na cidade de Jequié. A cidade está localizada a 365 km de Salvador, no Sudoeste da

Bahia, na zona limítrofe entre a Caatinga e Zona da Mata e é conhecida como Cidade Sol, devido seu clima quente

A palavra Jequié é derivada da língua indígena “tupi” com diversidades de significado jequi: cesto afunilado, usado como armadilha para peixes, tendo como variações cacuri, jequiá, jiqui, jiquiá, juquiá, jequié (IBGE, 2021).

De acordo com os relatos históricos, na cidade permaneciam os trânsitos de mascates que vendiam seus produtos como: toalhas, rendas e outros artigos trazido de cidade maiores de porta em porta. Os Tropeiros, por sua vez, chegavam de lombo de burro. O ponto principal de revenda dessas mercadorias trazidas por canoeiros, mascates e tropeiros deu origem a Praça Luiz Viana, com esse nome em homenagem ao governador que emancipou a cidade.

É importante relatar que há poucas informações sobre as identidades étnicas das pessoas que atuavam como tropeiros, mascates e etc. Algumas são informações obtidas de forma oral e relatam a existência de negros, indígenas e ciganos. Alguns deles vindo a se fixar na cidade e estabelecer residência, além de terem contribuído para o desenvolvimento da cidade.

Diante dessas informações vale lembrar que, atualmente, há o comércio nas praças da cidade de Jequié, em bairros como: Joaquim Romão, Jequiezinho, Mandacaru e Amaralina. Esses comércios informais são ocupados diariamente por prestadores de serviços informais, tanto os ciganos como os não-ciganos, por não possuírem outra forma de renda.

Em certa medida, é perceptível a existência de grupos (ou Clãs³) ciganos na cidade de Jequié e que eles convivem com diferentes relações sociais. Em Jequié, constatou-se que há predominância de ciganos do Clã Calon, que se estabeleceram na cidade buscando melhores condições de vida. Com o passar do tempo, fixaram residências ou em barraca, como o caso da nossa participante cigana, porém, outros seguem em itinerância.

Não é possível determinar o ano que os ciganos chegaram na cidade de Jequié, não há dados oficiais, nem os próprios ciganos que aqui residem conseguem afirmar. Embora a presença cigana na região de Jequié seja constatada através das expressões de costumes, culturas e das identidades étnicas. Contudo, a história e as vivências dos ciganos na cidade de Jequié permaneceram invisibilizadas pela

³ O termo Clã foi utilizado pela cigana participante da pesquisa que indicou ao se referir ao grupo Calon que lidera, sobre os outros grupos, ela chama como grupo Calon.

historiografia tradicional.

Apesar disso, uma informação remete ao que foi apontado nos estudos de Luiz Marcelo (2020, p.20), onde afirma que a população de Jequié foi formada por “indígenas, migrantes regionais (oriundos do recôncavo baiano, vale do Jiquiriçá e sertanista) imigrantes italianos, ciganos e árabes”. Além destes, o autor complementa que houve presença da população negra no desenvolvimento da cidade.

Na cidade, existem ciganos em diversos bairros. Entretanto, em alguns bairros permanece números significativos de ciganos, em outros, uma família em cada bairro. É importante esclarecermos que a subdivisão de bairros não diminui a relações com o restante do grupo, uma vez que continua existindo o laço forte de parentesco.

De acordo com a tradição das culturas ciganas, a liderança dos grupos é patriarcal, o mesmo ocorre, em sua maioria na cidade de Jequié.

Contudo, constatou-se que o Clã Calon do qual a participante de nossa pesquisa faz parte teve a liderança patriarcal exercida pelo esposo da mesma durante o período em que esteve vivo. Após a morte dele, a liderança passou para a sua esposa, ou seja, passou a ser liderada por uma mulher, tornando-se matriarcal.

No cotidiano cigano, na maioria das vezes, buscam solidariedade dos não-ciganos, principalmente, para obterem água e energia elétrica. Em outros momentos, permanecem próximos de rodovias para ter acesso às pastagens para equinos por comercializarem ainda com esta criação.

Compreendemos que se trata de uma cultura complexa, e por isso, não estamos abordando todos os Calon do município de Jequié e sim de um grupo Calon específico, tendo uma mulher cigana em sua liderança.

Vale destacar que esse expressivo grupo, em especial a mulher cigana, vivência uma organização cigana diferenciada na qual a mulher cigana foi valorizada pelo seu esposo antes de sua morte, designando-a como líder e atualmente é valorizada pelo grupo e pelo ensinamento da tradição.

Após essa apresentação das categorias de análise e um breve caminhar na trajetória dos ciganos no Mundo até a cidade de Jequié apresentamos o percurso metodológico utilizado para a obtenção dos dados, método de análise, questões éticas e a análise dos dados elencando os aspectos da identidade étnica da cigana líder do Clã Calon.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo apresentamos o caminho metodológico empregado desde o processo de definição do tipo de pesquisa utilizado, os métodos e técnicas utilizados para a obtenção dos dados e na realização da interpretação e reinterpretação dos dados. Em seguida abordamos as técnicas e instrumentos para a produção dos dados. E por fim, as questões étnicas da pesquisa.

A pesquisa realizada tratou-se de um estudo de natureza qualitativa e, de acordo com Bauer; Gaskell; Allum (2008) “a pesquisa qualitativa é uma abordagem metodológica eficaz quando se pretende conhecer e interpretar as realidades dos sujeitos”. A pesquisa qualitativa tem sido amplamente utilizada no campo das relações étnicas, pois, esse tipo de pesquisa tende a ser um tipo que evidencia e dá voz aos grupos e indivíduos que são invisibilizados.

2.1 Métodos e técnicas para a obtenção de dados

O principal método para a obtenção de dados foi a história de vida com a utilização de perguntas disparadoras, baseada num roteiro de entrevista semiestruturado.

A história de vida é considerada como sendo um “relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu” (QUEIROZ, 1988, p, 20). Queiroz (1988) diferencia história oral, como sendo relato oral pode compreender relatos de crenças, lendas e a transmissão da cultura, e a história de vida, a qual possui maior abordagem no sujeito e em sua vivência. Denzin (1989) indica que a história de vida (ou história pessoal) tem sido associada à um registro da vida de uma pessoa, baseada em diálogos e entrevistas.

As entrevistas e diálogos foram registrados por meio da gravação de áudio utilizando celular, sendo utilizado um diário de campo, para a tomada de notas e a organização de dados relevantes da pesquisa. Posteriormente, os áudios foram transcritos e analisados pela pesquisadora.

As entrevistas semiestruturadas, na perspectiva de Manzini (1990/1991, p.154), “estão focalizadas no assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementada por outras inerentes às circunstâncias

momentâneas à entrevista”.

Neste contexto, ao buscar as expressões da identidade étnica da participante da pesquisa procuramos as experiências através das formas simbólicas. Diante disso, buscou-se realizar a observação participante da sujeita da pesquisa, como forma de obter informações que não foram explicitadas nas entrevistas realizadas e que podem ser evidenciadas ao se verificar a atuação nas atividades diárias nos ambientes e espaços que se fez presente.

Em relação à observação participante, Angrosino (2009, p.34) afirma que se trata de um “estilo pessoal adotado por pesquisadores de campo que após serem aceitos na comunidade utilizam-se diversas técnicas para coleta dos dados e estudar grupo”. Neste contexto, as observações voltam-se para as percepções das situações e comportamentos do cotidiano dos participantes da pesquisa.

Nesse processo de participação, procuramos compreender como é construída sua identidade dentro e fora do acampamento, analisando as falas e que tipos de saberes, práticas, segredos vividos, são transmitidos pelas interações.

2.2 Métodos de Análise

Como método de análise dos dados obtidos, pelos métodos e técnicas informados acima, foi utilizada a Hermenêutica da Profundidade (HP) de John B. Thompson (1995), que foi desenvolvida para as análises das formas simbólicas.

Segundo John B. Thompson (1995):

Este referencial coloca em evidência o fato de que o objeto de análise é uma construção simbólica significativa, o que exige uma interpretação. Por isso, devemos conceder um papel central ao processo de interpretação, pois somente desse modo poderemos fazer justiça ao caráter distintivo do campo objeto. Mas as formas simbólicas estão também inseridas em contextos sociais e histórico de diferentes tipos, e sendo construções simbólicas significativas, elas estão estruturadas intensamente de várias maneiras (THOMPSON, 1995, p.355-356).

A Hermenêutica da Profundidade, segundo Thompson, está estruturada em três etapas conectadas que são: a sócio-histórica, a análise Formal ou discursiva e a Interpretação/Reinterpretação.

A análise sócio-histórica, por sua vez, consiste na aproximação com o contexto sócio-histórico, objetivando entender os contextos relacionados com toda e qualquer forma simbólica relacionada com a análise.

Para Thompson (1995) o que compõe as formas simbólicas são os elementos culturais, característico das sociedades humanas, algo que se constrói, modifica, aprende e transmite.

A construção de um objeto como forma simbólica, pressupõem que ela seja produzida, construída ou empregada por um sujeito para um sujeito ou sujeitos e/ou que ela seja percebida como produzida dessa forma pelo sujeito ou sujeitos que a recebe (THOMPSON, 1995, p.184).

De acordo a Thompson (1995), a Hermenêutica da vida cotidiana ou Interpretação da doxa, constitui-se no primeiro momento da pesquisa de campo, nela é possível estabelecer o processo de interpretação acerca de seus símbolos e significados e que se fundamenta em conhecer como os sujeitos entendem sua realidade cotidiana e suas vivências. Conforme, a orientação de Thompson, a interpretação da doxa é o momento no qual devemos interpretar as opiniões e crenças que são partilhadas pelas pessoas que constituem o meio social.

Esses elementos simbólicos são discutidos ao longo do tempo e constituem características que as pessoas exibem para evidenciar e afirmar sua identidade étnica. Uma identidade étnica no sentido do pertencimento a cultura cigana, 'pois nenhuma tomada de consciência de si, é possível fora do contato. Assim, conhecer os recortes das formas simbólicas no tempo e no espaço e como foi transformado ao longo do tempo são de fundamental importância.

Na primeira fase sócio-histórica utilizamos as conversas informais com a líder cigana e a única que pode relatar sobre a cultura do Clã, devido ser a autoridade máxima, em seguida, realizamos os levantamentos dos dados que permitiu traçar o perfil da participante.

A análise formal ou discursiva, refere-se à segunda etapa da Hermenêutica da Profundidade, está fundamentada na ideia de que as mensagens que circulam na sociedade são construções significativas e que exigem uma interpretação. Elas são ações, falas, textos, imagens (paradas ou em movimento), gestos e olhares que, por serem construções significativas, podem ser compreendidas (THOMPSON, 1995, p. 375). Na fase discursiva buscou-se analisar precisamente as ações, falas, posicionamentos, expressões ou ainda aqueles dados silenciados, que para nosso entendimento são peça-chave desta questão. Os discursos trazem sentidos pré-construídos da memória, do dizer, da memória seletiva quando selecionamos o que falar.

A terceira e última fase, Thompson (1995, p.365) vai chamar de “Interpretação e reinterpretação”. Aqui está a provocação, esta fase é considerada a mais importante, por fazer a demarcação e interpretações das opiniões, crenças e compreensão que são sustentadas e partilhadas pelas pessoas que constituíam um mundo social o autor escolhe este caminho metodológico como Hermenêutica da Profundidade (HP) por sugerir a interpretação da doxa. Sendo esta última fase a que permitiu a interpretação e reinterpretação das vivências e das representações simbólicas dos elementos identitários da mulher cigana líder do Clã Calon.

Segundo Agnes Helles (2007, p. 17), o “Cotidiano é a vida de todo homem” “é a vida do homem inteiro”; ou seja, todos estão inseridos no cotidiano, fazem parte dele com a individualidade de cada um. Partindo desse conceito, verifica-se que o cotidiano implica um olhar para a vida diária com regras, organizações da vida privada, do lazer e descanso, bem como as atividades sociais.

Conforme John B. Thompson “o contexto é um campo de caráter subjetivo, composto por indivíduos que produzem ações e expressam significados um dos outros na rotina de suas práticas cotidianas” (THOMPSON, 1995, p.33). O mesmo autor define essas formas simbólicas como uma forma que estabelecem e sustentam relações de poder, culminando na incorporação cotidiana pelo destinatário:

[...]O mundo sócio histórico não é apenas um campo-objeto que está ali para ser observado, ele é também um campo-sujeito que é construído, em parte, por sujeitos que, no curso rotineiro de suas vidas cotidianas, estão constantemente preocupados em compreender a si mesmo e aos outros, e em interpretar as ações, falas e acontecimentos que se dão ao seu redor (THOMPSON, 1995, p.358).

Nesta linha de pensamento, Thompson, recomenda um estudo e análise das formas simbólicas a partir de uma perspectiva ideológica, ou seja, é uma forma de pensar sobre a diversidade, que muito dialoga com os referenciais teóricos até aqui estudados. Para Thompson, estudar a ideologia é compreender e explicitar as maneiras pelas quais as formas simbólicas são usadas para a implementação para manutenção de relação de dominação.

As relações da vida cotidiana podem estar atravessadas por relações de poder, dominação, de maneira explícita pelos meios de comunicação de massa, como mecanismo de controle social nas sociedades modernas. Seguindo os caminhos do referencial metodológico da Hermenêutica da Profundidade, a entrada no campo deu-se pelo diálogo com a mulher cigana líder do Clã Calon, que permitiu a realização

dessa pesquisa.

Além destas questões, foram pensadas e elaboradas questões éticas para a pesquisa e a escrita dessa dissertação.

2.3 Questões éticas

Para adentrarmos no campo da pesquisa, as questões éticas são de extrema importância, principalmente quando estamos lidando com seres humanos.

Para tanto, foi produzido um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), elaborado com uma linguagem simples, para facilitar a compreensão. Após isso, as informantes da pesquisa foram devidamente esclarecidas pela pesquisadora quanto aos objetivos. As participantes ficaram livres para decidirem pela participação na pesquisa.

O projeto de pesquisa foi submetido pela Plataforma Brasil e aprovado, pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UESB, sob número **CAAE 25833419.0.0000.0055**.

2.4 As sujeitas da pesquisa

Os sigilos dos nomes foram acordados entre a pesquisadora e as participantes, com o apoio do TCLE. Os nomes foram escolhidos por meio de critérios de comum acordo com as participantes da pesquisa que se utilizaram de nome fictício para a autoidentificação no reconhecimento de suas identidades ou participação.

Cabe ressaltar que foram adotados os seguintes nomes: Ana, para a mulher cigana líder do Clã Calon e Eliana para a participante da pesquisa que colaborou em uma questão específica na análise da identidade étnica da cigana.

No Quadro 1 são apresentados alguns marcadores étnicos das participantes que serão fundamentais na discussão acerca da identidade da cigana líder do Clã Calon. Contudo, outros serão apresentados e discutidos nos capítulos seguintes.

Quadro 01. Marcadores étnicos das sujeitas da pesquisa

Nome	Identificação	Faixa de Idade (anos)	Escolaridade	Estado civil	Profissão
Ana	Cigana	60-70	Não-alfabetizada	Viúva	Líder
Eliana	Não-Cigana	20-30	Ensino Médio	Solteira	Operária

Fonte: dados da pesquisa.

Ana como sujeita social, participa da vida cotidiana em seu bairro, dentre essas atividades está a comercialização realizada em uma praça, onde tem uma feira de bairro, próxima ao acampamento cigano Calon. Nesta mesma praça Eliana realiza a atividade de pregação do evangelho. O contato entre elas se deu nesta praça, seguido de convites para que Eliana fosse à residência de Ana e posteriormente Eliana convidou Ana à participação no culto em uma igreja neopentecostal que ficar próxima ao acampamento cigano, como pode ser verificado no esquema abaixo (**Figura 01**).

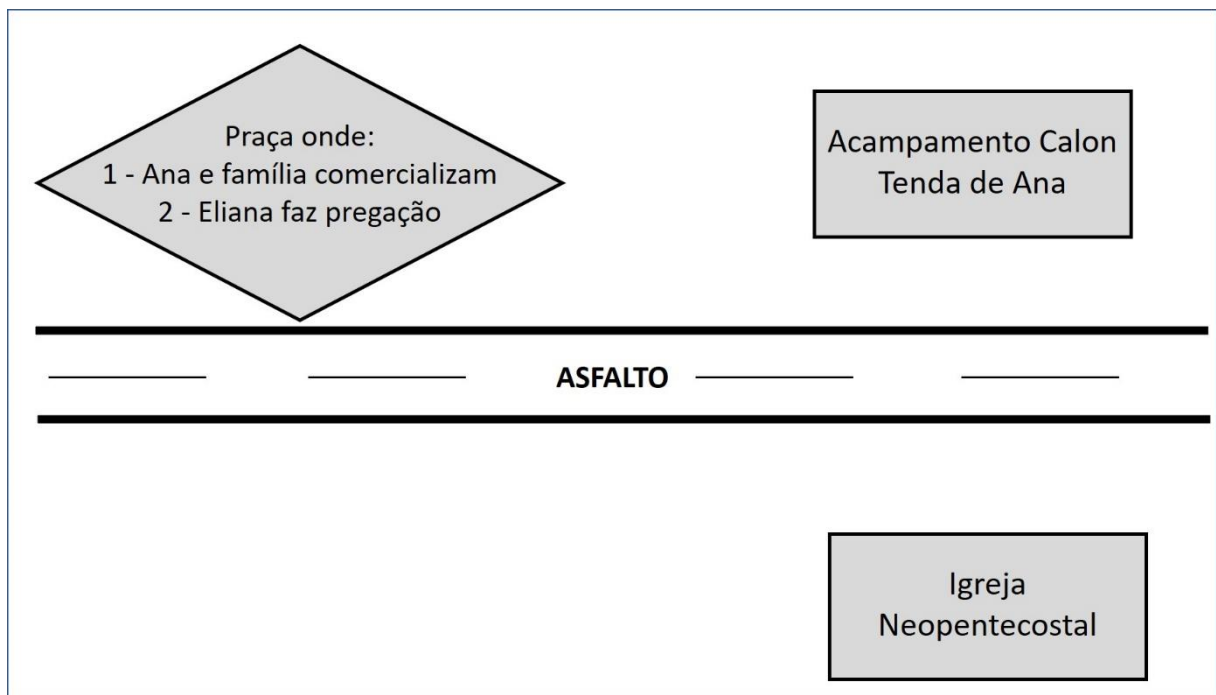


Figura 01. Esquema representando a proximidade entre o acampamento Calon, a praça onde Ana e Eliana tiveram o primeiro contato e a Igreja neopentecostal.

3. ASPECTOS DA IDENTIDADE ÉTNICA DE ANA

Este capítulo apresenta os aspectos (marcadores étnicos) que evidenciam a construção e manutenção da identidade étnica de Ana, a cigana líder do Clã Calon.

Inicialmente ressaltamos que houve um primeiro contato da pesquisadora com um grupo de ciganas, de forma casual, após observar uma discriminação sofrida por elas na Praça Rui Barbosa. Após o acontecido, a pesquisadora buscou dialogar com elas, apresentando-se como estudante e que gostaria de investigar a história das ciganas em Jequié. Diante disso, foi questionado sobre a possibilidade de realização de entrevistas e após consentirem foi disponibilizado o endereço com indicação de data e horário. Cabe salientar que o consentimento e as indicações foram realizados por Ana, que viria a ser a sujeita da pesquisa.

Seguindo a indicação, no dia e horário marcado, dirigi-me ao acampamento, sendo bem recebida por Ana, uma senhora com idade entre 60-70 anos. Tendo em vista os requisitos de atendimento aos critérios éticos na pesquisa foi questionado quem seria o líder, ao qual seria feita a solicitação de autorização para a realização da pesquisa. Neste sentido, foi observada uma primeira questão importante para o desenvolvimento da pesquisa, a senhora Ana responde com firmeza afirmando “Sou Eu!”.

Tradicionalmente, a sociedade cigana segue o modelo patriarcal, tendo o homem como o líder ou chefe da família e responsável pela organização da vida pública. Diante disso, a mulher cigana geralmente é responsável pela vida doméstica, pela proteção espiritual e pelos ensinamentos da tradição.

Porém, cabe ressaltar que, enquanto esteve vivo o esposo de Ana, a liderança era exercida por ele. Antes de sua morte, Ana foi por ele designada para ser a líder daquele Clã Calon.

Após esta introdução sobre Ana, traremos outras informações importantes de seus marcadores que evidenciam sua identidade étnica. Dentre eles, estão as informações da origem e língua do Clã, informações sobre a infância, a família e o casamento. Além de trazer informações sobre o processo de morte e luto, serão apresentados aspectos de sua(s) religiosidade(s).

a) Origem do Clã e a Língua

Ao dar prosseguimento com a realização das entrevistas, foi feita uma pergunta disparadora sobre o seu pertencimento enquanto cigana e a origem do Clã, onde ela afirma ser cigana, identificando o Clã que pertence e prossegue explicitando os indicadores do pertencimento ao Clã. Ela afirma:

Sim, senhora, do Clã Calon. É um grupo com origem no Egito. Fala o Caló, português, quem estuda fala inglês, outras falas. E também, ter envolvimento em comércio e troca de mercadoria (ANA, 2019).

Diante disso, é importante ressaltar que, conforme indicado pela participante da pesquisa, a demarcação de identidade étnica cigana foi a língua materna, o Caló, a qual está inserida no cotidiano de Ana e de seu Clã. Além de indicar as possibilidades de uso de outras línguas como inglês e português na educação dos membros.

Sobre a origem do Clã, Ana ainda afirma que:

Nós ciganos é também nação da Bahia. Quem nasce na Bahia, é brasileiro. Agora entenda! Somos Calon de Valença-Ba. De origem Egito (ANA, 2019).

Nesta afirmação, Ana apresenta uma importante informação que delimita a origem do Clã, “De origem Egito”, localidade esta que aparece como sendo um dos Países originários dos Ciganos (Teixeira, 2008). Além dessa afirmação, Ana indica a procedência geográfica na Bahia ao afirmar, em referência ao Clã, “Somos Calon de Valença-Ba”. Esse trânsito Valença-Jequié pode ser relacionado ao que fora relatado por Marcelo (2020), onde indica que havia presença de ciganos entre aquelas(es) que foram listados como formadores da população de Jequié.

Diante disso, compreendemos que as afirmações de Ana reivindicam o pertencimento étnico dela e do Clã, utilizando marcadores de diferença, onde, através da distinção se confirma uma identidade, sendo ela sempre mantida e contraposta a outra(s) identidade(s). Assim como, admite o acesso a determinado direito ou a sua reivindicação.

Em outros momentos das entrevistas, Ana apresenta relatos de sua infância, da família e o cotidiano familiar, como podem ser verificados a seguir.

b) Infância e Família

Desta forma, pensamos ser decisivo compreendermos como os ciganos

concebem as fases de vida e, especialmente, o que representa “ser criança” para as próprias crianças e para os adultos (Monteiro & Goldfarb, 2017).

A partir do acima exposto, nas entrevistas de Ana foi indicado que apresentasse como se deu sua infância. Em seus relatos Ana traz um item interessante, o “Brincar” como um marcador dessa etapa de sua vida. Ana afirma que:

A criança quando brinca, conheci a si própria. E assim, expressa suas emoções, de medo, alegria, tristeza. Aprende a ganhar, perder. O brincar é divertido. Aprende a conviver com outras pessoas. É assim. A criança tem que brincar. Hoje tem a escola, também. Antes não tinha né. Hoje tem celular para brincar, antes era roda, boneca de olho. Era assim (ANA, 2019).

Ana ainda relata que:

Brincava com bonecas de pano com olho, e roda em tempo de lua, brincava de casa de areia, nossa barraca, corrida, gato mia, corda. Brincava o dia todo, era livre. Nós vivíamos o amor, o respeito, pai, irmãos, era feliz. Aí, chega o casamento (ANA, 2019).

Esses relatos de Ana indicam como as crianças eram, e são, encaradas no período da infância no Clã. Para Ana, o ato de brincar, além de ser divertido, proporcionava aprendizado, estimulava o conhecimento de si e dos demais através do convívio, fazendo com que as crianças entendessem as regras do Clã, os limites das relações e a comunicação.

Assim, o aprendizado e ensino da cultura cigana também era realizado por meio das brincadeiras. Cabe salientar que as Brincadeiras populares, da época de nossos avós, representam um papel importante no desenvolvimento humano em todos os níveis de sua vida, cultural, social e cognitivo (Vieira, 2019). Assim, elas são utilizadas como formas de ajudar a resgatar e/ou manter a cultura de um grupo, comunidade ou Clã.

Ana ainda apresenta a Escola como local para aprendizado e convívio, contudo, como ela ressalta, trata-se de uma atividade contemporânea, da atualidade, pois, não era um fator existente na vida dos ciganos mais velhos, devido a pobreza e a falta de oportunidades. As perseguições também contribuía para a evasão escolar.

Apesar de todas as mudanças culturais perceptíveis, o ato de brincar fez e continua fazendo parte da vida do ser humano, seja nas brincadeiras populares ou pelo uso das tecnologias.

Ana traz a relação das brincadeiras com entes familiares, diante disso, foram ressaltados os relatos das entrevistas a Família como um componente da construção de sua identidade étnica. Sobre a família no Clã, Ana indica que:

No primeiro momento, é grande. É formado por muita gente. Vou contar: pai, mãe, filhos, neto, bisneto, primos e primas com filhos e neto, noras, tios, tias, sobrinho, sobrinha. Tudo parente. Eu moro sozinha. Eu e Deus (ANA, 2019)

Nessa fala, Ana apresenta sua definição de família, concebendo essa organização social como sendo apoiada no parentesco. Essa forma de organização é essencial para a construção e manutenção da identidade cigana e para ampliação dos processos de resistência cultural da comunidade.

O relato de Ana corrobora com o que é indicado como padrão cultural cigano sobre Famílias, as quais são consideradas alargadas, uma vez que na tradição cigana, ao casarem, as mulheres acompanham a família dos seus maridos. Apesar disso, a mulher cigana, ainda que vá viver com a família do noivo, nunca perde a linhagem patriarcal, ou seja, o pai lhe ofertará defesa e acolhida pelo resto de sua vida.

Ana ainda afirma que:

As famílias são orientadas pela lei cigana, respeito aos mais velhos. Por esse motivo, os anciões são portadores de experiências e dos princípios básicos que ditam o que cada um pode fazer. Além de estar sempre em adaptações a realidade que deve regular (ANA, 2019).

A narrativa de Ana, onde a família é 'orientada pelo respeito aos mais velhos', significando que os valores morais, éticos, religiosos, bem como, as relações e as identidades foram construídas, e estão inseridas, no meio familiar.

Os mais velhos para uma comunidade cigana são os pilares da cultura cigana, por terem a capacidade de comunicar com as mais variadas esferas sociais, por serem detentores dos saberes e das experiências além de serem responsáveis por repassar, coletivamente, para os mais jovens os seus saberes. Desta forma, os anciões são os guardiões da cultura e etnicidade do grupo ou Clã.

Sobre os processos de adaptações, embora os grupos ciganos tenham a conscientização da necessidade delas existe uma consciência de que pertencem a uma cultura diferente, marcada por tradições também distintas.

Ainda sobre a Família, Ana falou sobre os processos de movimento, trânsito, que ocorrem no município. Ela diz que

Hoje as mudanças são contínuas, a família se movimenta no município com trocas de carros, vendas de confecções que atualmente são comerciantes. Mas, mantém as características fortes da cultura. Nos, vive o amor e respeito. Sou viúva e líder do grupo Calon. Meus avós, não conheci, mas sua mãe afirmava ser Calon (ANA, 2019).

Na fala de Ana pode ser destacado que o trânsito existente ocorre devido às necessidades das atividades financeiras, seja nas trocas de carros ou na venda de confecções. Contudo, um fator chama a atenção, apesar dessa indicação, Ana reforça que, mesmo com essas atividades, os Calon continuam mantendo sua cultura, através do amor e respeito existente entre eles, mesmo aquelas(es) que não conheceram, mas que fazem parte de seus vínculos familiares.

Ainda sobre a família, Ana relata o cotidiano familiar, indicando quem participava desse processo:

A família toda! Lutava a cavalo. Lutava a bater barraca. Lutava a acender fogo. Lutava a pegar burro, pra (fio) amontar. Tá entendendo? Viajava, chegava lá tornava a arriar. Batia barraca, batia barraca, cendia fogo, pegava lenha, panhava água, coava café, fazia de cumê, dava os fi. Quando era noite, botava para dormir. Quando era no outro dia, lavava roupa. Era naquela vida. Tá entendendo? Om tonse, quem tinha estambo e coragem fez sua família. Aí! A vida continua pra frente. A cavalo, a burro, a carro não que foi por agora, de primeiro, era o boiadeiro, tocando a boiada, os tropeiros. Tudo isso, pela estrada, pegando o sustento. Lutando com Deus (ANA, 2019).

Sobre o processo de trabalho Ana ainda indica que:

O trabalho de cigano é bolante, para comer e para beber, e que também pode trabalhar em lugar fixo, estudar, fazer fio, ficar quieto. Homem: vende, compra, troca produtos, atividades, denominadas barganhas, catira ou rolo. Mulher: vende, toalha de prato, enxovais. As mulheres ficam próximo dos irmãos. E não fica só, não pode (ANA, 2019).

Ana descreve que um grupo ou comunidade cigana constitui-se das múltiplas relações familiares, do comércio rotativo, do trânsito e de seu cotidiano em torno da família.

Outro aspecto notado foi o sentimento de unidade do grupo cigano que, como pôde ser verificado em sua fala, tem o envolvimento de vários membros da família. Ainda se destaca que as transformações através das lutas constante e de repetições vão construindo as identidades e marcando os pertencimentos através dos elementos e das formas simbólicas.

O tipo de trabalho utilizado indica que ele é um fator de independência para a família, distinguindo as ocupações que são utilizadas para a manutenção familiar e da cultura, mesmo que, para isso, as viagens para a concretização dos negócios, sejam curtas ou longas, ocorrem de forma corriqueira.

c) Casamento

Um marco de extrema importância na cultura de um grupo cigano está no

casamento, pois dele inicia-se o processo de construção familiar dando seguimento ao processo de ampliação e manutenção do grupo.

O casamento é um rito essencial para compreender os processos das etapas geracionais entre os Calon, sendo a partir deste evento que podemos conhecer e compreender mais sobre a infância deste grupo, pois o casamento marca o início e a continuidade das famílias (Monteiro & Goldfarb, 2017).

Sobre o casamento Ana afirma que:

Antigamente era os pais que arranjavam o casamento e hoje, eles escolhem, gostando, casam-se e vive, podem casar cigano com brasileira, hoje ciganos, ciganas tem direitos, deveres, aqui, no nosso grupo” (ANA, 2019).

Nesta parte da entrevista Ana traz uma afirmação que denota um indicador de mudança na cultura do grupo cigano que vive, ao afirmar que as pessoas escolhem com quem desejam se relacionar e casar, diferente do que ocorria antigamente.

Para explicar a questão, Ana ainda apresenta que:

Hoje pode trabalhar, ter profissão, estudar, os homens namorar com brasileiras e as mulheres com brasileiros, antigamente não podia, hoje se quiser vai para a escola se não quiser não vai, e a vida segue em nome de Deus, mas sem deixar a tradição, seguindo a lei cigana. Ciganos pode se adaptar aos progressos, estudar, fazer faculdade, mas não deixando suas raízes ciganas e que os avanços são importantes para a cultura, as raízes principais da cultura são o respeito, as crianças, aos idosos e isso não pode ser deixado para trás, faz parte da Lei Cigana, já que, é uma tradição permanente (ANA, 2019).

Cabe aqui salientar que, apesar das indicações de mudança ou alteração na cultura do Clã Calon, Ana destaca sempre ‘não deixando suas raízes ciganas’ e o que ‘faz parte da Lei Cigana’. A Lei cigana norteia os indivíduos ciganos em seus diversos grupos.

Como expressão da cultura cigana, os casamentos ciganos apresentam características que estão diretamente relacionadas com a etnicidade do grupo. Sobre isso Ana afirma que:

O casamento são três dias de festa. É muita riqueza, luxo. Porque uma família faz o casamento para mostrar para a outra, que aquela família vai trazer Bar, ou seja, vai ter sorte. O casamento Bartalém é aquele que realiza a melhor festa, traz várias famílias ciganas, e uma vai competindo com a outra, pois, traz a força da festa maior (ANA, 2019).

Neste íterim, averigui no acampamento e também em conversa com algumas mulheres evangélicas Calins, que conheci ao participar do culto neopentecostal que normalmente a família, faz o casamento maior, ao ter um filho ou filha, pois, o

matrimônio só será feito uma vez. Porém, se tiver entre dois ou três filhos, a festa pode ser menor. Mas, deve seguir as regras, tudo bem enfeitado. Ana, por sua vez, explica que em um casamento cigano tem que ter luxo são prolongados por três dias, por fazer parte da tradição.

Casei nova. Com dezesseis anos. Bonita. Passei boa vida. Foram três dias de festa, muita gente, muita comida, bebida, cantor, festa no Clube (ANA, 2019).

Nesta afirmação são apresentados vários marcadores importantes, dentre eles temos a expressão “Casei nova. Com dezesseis anos”. Estas afirmações trazem representações da tradição cigana, na qual a mulher cigana ela tem que ser pura. As pessoas ciganas unem-se com idade baixa e, por isso, as taxas de natalidade são elevadas, formando grupo representativos de jovens. Podendo esta ser outra questão para a indicação da realização do casamento com a mulher mais nova.

Durante a entrevista, quando narrava sobre o casamento, Ana abriu um baú de couro escuro e retirou uma fotografia, enrolada em um pano branco, de seu casamento. Nela foi possível visualizar os noivos e familiares em um Clube, com equipamentos de som, mesa farta e bebidas. Ao mostrar a fotografia podemos entender que estava referenciando como sendo um casamento Bartalém, conforme especificado acima.

Em sua fala, Ana já havia informado sobre a morte de seu esposo e que, antes de sua partida, a havia designado como sendo a líder do grupo. Diante disso, apresentaremos falas de Ana a respeito da “Morte” e do “Luto” no grupo Calon.

d) Morte e Luto

A forma como são encarados os processos de Morte e Luto variam de acordo com a Cultura na qual os indivíduos ou grupos estão inseridos.

Contudo, é possível afirmar que, a morte para os ciganos, “marca o limite de um ciclo espaço-temporal e a abertura de um novo ciclo em direção ao futuro” (FERRARI, 2010, p. 245).

Com base nisso, buscou-se analisar, através das falas de Ana, como se dão tais processos no Clã Calon.

Ana inicia falando que:

Calon e Sinti, são queimados os pertences do falecido, a barraca para ser eliminada a lembrança e não trazer sofrimento. Neste rito, queima tudo. É

assim. As roupas, colchões, travesseiros, cobertores, lençóis, tudo que pertence ao falecido. Enquanto queima, vão falando sobre os feitos do morto em sinal de respeito. Após a morte o nome do falecido não poderá ser mencionado e se tiver alguma pessoa com mesmo nome também não pode ser citado. Já a pomana, são ritos da etnia Rom, lá serve jantar com tudo que o falecido gostava em reverência ao finado e ao antepassado, bem como orações (ANA, 2019).

Com base na contribuição da líder Calin, foi possível perceber que, mesmo em um único processo ou ritual, há marcadores étnicos que aproximam ciganos de grupos diferentes, como também pôde ser verificado um marcador, a Pomana⁴, que denota contrastes entre as identidades de ciganos de grupos diferentes. Nos processos relacionados à morte de um membro do grupo cigano, descritos por Ana, pode ser verificado que a relação com o falecido e com os antepassados são reconhecidas como sendo de grande valor.

No processo de Luto, devem ser observadas regras e normas ditadas pela cultura, pela tradição, do grupo. Dentre elas podemos citar que não se deve desviar a atenção para a diversão nem lazer. Ana ainda relata como se dá o processo de Luto. Ela afirma que:

O luto, é algo muito rígido na cultura cigana, neste período, principalmente para a mulher: usa roupas fechadas e pretas, cabelo curto e lenço preto por toda a vida. Agora mudou, quem quiser usar o lenço bem, quem não quiser, não usa. Tudo preto. Tem que respeitar o marido (ANA, 2019).

Ana apresenta um relato do rigor do processo de Luto e algumas das normas, principalmente aquelas relacionadas com as mulheres. Tais regras são diversificadas entre os diferentes grupos ciganos existentes, contudo, elas representam um aspecto da moral e da conduta, aprendidas desde a infância, que fazem parte da cultura cigana. Esse ponto é bem destacado quando ela relata que, as normas indicadas por ela têm um único objetivo, “Tem que respeitar o marido”.

Em seu relato, Ana ainda aponta que, mesmo sendo fixada a necessidade de se manter a cultura cigana, alguns aspectos da cultura sofreram modificação, como é o caso do uso do lenço, onde ela afirma “Agora mudou, quem quiser usar o lenço bem, quem não quiser, não usa”.

Sobre os processos após a morte, Ana ainda relata aspectos que são

⁴ "Pomana" deriva do romeno e denota uma refeição recorrente ciclicamente em homenagem à pessoa que morreu. O termo é usado apenas por grupos Vlach-Roma. (Suas variantes Romani mostram fortes características romenas.) Os não ciganos ortodoxos romenos também celebram uma pomana, no entanto, como um único evento que ocorre seis semanas após o funeral. (Fonte: <https://www.romarchive.eu/en/terms/pomana/>)

marcadores étnicos do grupo ao qual pertence. Ela afirma que:

Neste grupo é assim, todos devem aprender o ritual após morte, relacionado a viuvez, principalmente porque é passado de geração a geração. Os Calon, é dever do homem em sua viuvez, deixar a barba e cabelo crescerem por anos, já as mulheres viúvas, corta o cabelo e mantém resguardada pelo marido e deverá criar seus filhos, sozinha e não se casar mais. Caso existam nomes iguais do falecido, não poderá ser chamado no acampamento (ANA, 2019).

Ana complementa essas informações dizendo:

Moça! Todos, deverão ficar por dois meses sem comer carne vermelha, sem ouvir música, dançar, participar de festa. Além de que a mulher e filhos deve evitar tudo o que o falecido gostava, lugares a objetos, alimentos, do mesmo modo, ao lavar as louças, não deverão fazer espumas (ANA, 2019).

Em ambas as falas, compreendemos que as regras pós-morte são rituais que fazem parte da cultura cigana e são aprendidos desde a infância. A família só considera o desprender do falecido do mundo dos vivos quando de fato realiza o enterro e por isso, tem que seguir os ritos ciganos. Essa forma simbólica dos ritos são bases para disciplinar os comportamentos dos valores e atividades da vida diária.

Cabe ainda ressaltar que, após o falecimento do conjugue, a mulher passa a ser conhecida como a viúva de “Fulano de tal” (nome do falecido), ou seja, sua identidade passa a ficar ligada à figura do marido e, como já dito acima, a viúva deverá ser fiel ao esposo mesmo após a morte.

Alguns dos pontos apresentados nas falas de Ana trazem exemplos do que é citado sobre o processo de luto a seguir:

[...] quando o luto é do marido ou do filho, dura a vida inteira da viúva ou mãe; para o pai, os filhos respeitam o luto durante 2 a 3 anos; de um tio, são 3 a 6 meses de luto para os sobrinhos. Neste momento de luto, as regras são rígidas, e constringem particularmente a mulher. Muda o seu traje, que se reduz a umas roupas sóbrias e pretas; passa a usar o cabelo cortado; e lhe proibido o uso de joias e maquiagem. Estes elementos estão relacionados com a imagem da feminilidade, da atração que a mulher representa para os homens. Como respeito do familiar desaparecido, e lhe proibido representar ou suscitar alguma forma de desejo. Os homens passam a usar cabelo e barba compridos, além do tradicional traje preto. Ambos os gêneros vêm os seus direitos a diversão muito limitados: a festa, a música e o álcool são então banidos da sua vida (PROJETO ENCONTROS, 2010).

Os rituais do processo de Luto exercem influência em outras questões do cotidiano Calon. Além dos acima citados, há impactos sobre como são apresentados os cabelos e os vestidos das ciganas.

Sobre os cabelos das Calins, Ana apresenta o que se deve ter em mente e ser cumprido durante o processo de Luto. Ela afirma que o cabelo

Simboliza a pureza e a honra e, só pode ser cortado por dois motivos: viuvez ou adultério, caso a viúva não queira cortar é porque tem a intensão de conviver com alguém. É assim. Aí, deixa crescer o cabelo, mas não poderá casar novamente, nem participar nos rituais de casamento como madrinha e nem da prova da virgindade da noiva, como também perde direito dos filhos, do dinheiro, carro, casa. Perde tudo. Entendeu moça! É assim. E vai lutando com Deus (ANA, 2019).

O cabelo é tido como um identificador da cultura cigana, assim como pode-se notar na fala de Ana sobre o grupo Calon. Deve-se mantê-los compridos, exceto em dois casos, conforme Ana indica, por “viuvez ou adultério”. Além da questão do cabelo, o estado de viuvez da mulher cigana implica na perda de acesso a determinadas atividades e ritos específicos da tradição cigana, bem como, de certos direitos, os quais estão sempre relacionados ao marido, conforme a manutenção da cultura patriarcal cigana.

Além disso, outro item do cotidiano da mulher cigana Calon passa por alteração quando se entra no estado de viuvez, trata-se dos vestidos. Sobre eles Ana afirma:

Minha querida, o valor do vestido, não importa. O que importa, são como as outras pessoas veem, por isso, deve ser bem enfeitado, brilhoso, fita, renda, tudinho, seguindo a tradição. Aí, tem o poder. Obediência à tradição. Alegria da vida (ANA, 2019).

Ainda sobre os vestidos, Ana apresenta como são denominados por nomes que definem o tipo que podem ser utilizados. Sendo eles:

Vestido princesinha, bico de pato da índia, três babados, capa aberta, pérola bordado, quatro pontas fechado, rainha. Tem outros. Agora, viúva é preto (ANA, 2019).

Os vestidos utilizados pelas ciganas são um dos principais indicadores na delimitação da identidade étnica, representam sinais diacríticos que revelam a obediência a tradição, remetendo ao passado, no presente e pensando-se no futuro.

Outro marcador importante da identidade étnica cigana está relacionado com os aspectos da religiosidade cigana.

e) Religiosidade

Sobre a religiosidade dos grupos ciganos pode-se afirmar que os ciganos tem adaptado as suas crenças às religiões dos países que chegaram (Nunes,1981).

Em uma das visitas para mais uma etapa de entrevistas com Ana, ao chegar

no seu acampamento, fui recebida por Ana, tendo em suas mãos ramos de pinhão roxo e vassourinha, e me falou: “Menina! Vem cá, vou lhe benzer. Arrancarei todo olhado que a menina tem”. Este foi um momento marcante para o processo da pesquisa, pois, pude participar de um ritual de sua ancestralidade, uma prática religiosa passada de geração para geração, ensinada por sua avó e sua mãe.

Em algumas culturas brasileiras os atos de benzer são conhecidos como “Reza”, uma prática que vem se perdendo temporalmente, pelo fato de não ser possível dar continuidade ao processo de passagem de uma geração à outra.

Contudo, na cultura cigana, a reza ou benzedura é praticada pelas mulheres ciganas mais velhas, pelo uso dos saberes tradicionais de ervas, visando a cura física, podendo ser utilizada desde o nascimento até morte.

Estes saberes são passados das mais velhas para as mais novas, como forma de manutenção da Cultura. É importante salientar que, esta atividade de reza ou benzedura, utilizando ervas plantas, é uma característica das ciganas do grupo Calon. No caso de Ana, o aprendizado da reza ou benzedura foi feito para ‘tirar o olhado de seus filhos, para a cura do corpo e das dores’.

Vale destacar que a prática da reza ou benzedura tem tido uma diminuição com o passar dos tempos, tendo em vista a conversão de ciganas e ciganos ao neopentecostalismo. Entretanto, pode-se pensar que as práticas de benzimento encontram um similar na religião neopentecostal, a imposição das mãos para cura e outras questões associadas.

Diante da questão sobre a reza ou benzedura, buscou-se verificar sobre que era a religiosidade dos Calon. Ao que Ana afirmou que:

É bem assim. A religião é livre, livre. Cada um tem sua fé. Tem muitas divisões de religião. Entendeu? Na nossa Lei. Lei cigana, é livre. O direito dos homens. Bem, os Direitos Humanos têm direito de escolha (a lei). Aqui, é assim (ANA, 2019).

É assim, bem. É a que nos escolher. Católica, os Calon, são devotos de Nossa Senhora Aparecida. Mas, tem os que frequenta as igrejas evangélicas. Eu frequento. Eu tenho neto e neta crente da igreja Universal em Itabuna e há outras igrejas evangélicas também tem parentes. Religião é livre. Tem que respeitar o outro (ANA, 2020).

Ainda sobre esse tópico, Ana falou sobre a comemoração à Santa Sara Kali, conhecida como sendo santa dos povos ciganos. Ana relata que a comemoração:

Ocorre, no dia 24 de maio, com procissão, considerado o tempo Kairológico. Pelos praticantes devotos de Santa Sara Kali, que buscam a graça nos olhos

da Santa, pois, neles encontra-se todas as forças de Deus, da mãe, amor, isto é, simboliza a Paz. Olha moça, pratica também a quiromancia. Aqui é, todos os ciganos e não-ciganos juntos (ANA, 2019).

Segundo as afirmações de Ana, a religiosidade cigana é livre e, diante disso, a maioria se considera católico, cultuando Nossa Senhora Aparecida ou Santa Sara Kali. Ana complementa informando que a comemoração no tempo kairológico, ciganos e não-ciganos se encontram no mesmo espaço, no dia 24 de maio.

Constatamos que, além do grupo ser flexível ao pertencimento à religião católica, isso também é observado para outras denominações, como é o caso do neopentecostalismo. Tal ação não é entendida como enfraquecimento da cultura, mas, são vistos como colaborando para a construção das suas identidades.

Aliás, o trânsito religioso como mobilidade social existe em qualquer família cigana sem constrangimento, facilitando e afirmando a união do grupo. Nesta observação nota-se que não existe obrigatoriedade de frequentar apenas uma igreja, pois, no entendimento de Ana, por exemplo, o que importa é confiar em Deus, ter fé e respeitar os outros.

Durante séculos, a religião católica foi a configuração de maior representatividade de fé e salvação. Na historiografia da Europa Ocidental, por exemplo, as pessoas que utilizavam práticas e rituais de fé diferentes do catolicismo foram perseguidas e severamente punidas.

Apesar da expressividade da igreja católica, no Brasil, percebe-se que o número de adeptos vem diminuindo em contraposição ao que acontece com as religiões neopentecostais, que tem tido um crescimento no número de adeptos. Como Ana confirma em seu relato, existem ciganos em seu acampamento que pertencem a religião católica e outros na neopentecostal.

Ana mesmo sendo líder do Clã, levando-se em consideração a afirmação de que a religiosidade cigana é livre, passou a frequentar, em 2019, uma igreja neopentecostal. Sobre esta participação Ana, com o sorriso no rosto e movimentando o cabelo, afirma:

Há! Minha querida! A fé. Ouvir na igreja que por meio da fé se pedimos a Deus, para ele curar nossos familiares, a benção é recebida. Então, estou em busca da benção para uma pessoa da família. Temos que cuidar. Minha conversa é eu e Deus. Deus, já curou muitos ciganos (ANA, 2019).

É importante destacar que a fé e as curas são fundamentais na cultura cigana e é um dos motivos que leva Ana a frequentar uma igreja neopentecostal. Este mesmo

motivo é o que tem levado outras(os) ciganas(os) a frequentarem igrejas neopentecostais.

Sobre essa participação ou o frequentar uma religião neopentecostal, Marcos Toyansk Guimarães (2012, p.167) evidenciou em sua pesquisa “O Associativismo Transnacional Cigano: Identidades, Diásporas e Território” que:

Os primeiros contatos entre os evangélicos históricos e ciganos com o propósito de convertê-los ocorreram no século XIX, quando a International Bible Society de Londres enviou os primeiros missionários para os Pirineus e produziu as primeiras traduções do Novo Testamento para o romanês. Na Europa Oriental, a pregação evangélica começou no início do século XX, com os primeiros missionários chegando aos Bálcãs nos anos XX (GUIMARAIS, 2012, p.167).

O autor complementa ainda que o pentecostalismo e neopentecostalismo, nos povos ciganos, ganharam força nos anos 50 quando uma cigana ficou curada milagrosamente e desde então vem se ampliando entre os ciganos.

Diante disso, a corrente neopentecostal se iniciou na França, em 1952, sob a liderança do Pastor Francês Clément Le Conssec (não-cigano), da Assembleia de Deus em Brest, que dedicou sua vida a evangelização dos ciganos.

O movimento religioso neopentecostal é uma corrente denominada terceira onda do pentecostalismo que vem crescendo e tendo influência na sociedade brasileira. Seus seguidores estão distribuídos por diversos países e principalmente nos meios midiáticos.

A cultura cigana é aquela que se diferencia do neopentecostalismo devido a sua especificidade, tais como, seus vestidos enfeitados e coloridos, pente no cabelo, os acessórios de ouro, conhecidos pelas ciganas como sinais diacríticos ou marcadores das identidades da cultura cigana.

Diante disso, apresentaremos a segunda colaboradora da pesquisa que trará apontamentos sobre a participação de ciganas em cultos na igreja neopentecostal, da qual Ana frequenta, e sobre como se iniciou o processo de ida de Ana à essa igreja.

4. CULTURA CIGANA X NEOPENTECOSTALISMO

Para dialogarmos sobre a relação entre a cultura cigana de Ana e a influência do neopentecostalismo em sua cultura traremos a segunda colaboradora da pesquisa, de nome fictício “Eliana”. Como dito anteriormente, a escolha se deu pelo fato da relação entre Ana e Eliana, pois, foi por intermédio de Eliana, por sua pregação na praça próximo ao acampamento, que Ana passou a frequentar a igreja neopentecostal.

Um dos encontros aconteceu na residência de Eliana, onde serviu um cafezinho e informou que quando recebe uma visita tiram uma passagem da Bíblia para o visitante, o que é feito após consentimento.

Após esse primeiro contato, foi realizada uma observação participante, na qual fui convidada a participar de um culto, na igreja neopentecostal, junto com Eliana. Ao chegar foi constatada a presença de Ana que nos saudou dizendo “Paz do Senhor!”, falando o mesmo em chibe “Patch le Deuleski”, a qual respondemos a saudação. Sentamos próximas e assistimos o culto, no final conversamos um pouco. No culto foram observados momentos com cânticos de adorações, salmos, pregações, o falar em línguas (glossolalia), ofertório. Após essa participação, ficou acordado que frequentaria outros cultos, como forma de observação participante, buscando observar o culto, a presença da cigana e a relação entre a cigana e a não-cigana.

Durante as entrevistas realizadas com Eliana, no espaço de culto na igreja neopentecostal, falando sobre a participação de ciganas nos cultos, Eliana explica que:

Aqui, é uma sala onde se faz orações (direcionando a sala). As mulheres têm funções diversas: nós não-cigana ficamos nas escolas bíblicas, vamos as praças e feiras pregar o evangelho, as não-ciganas visitam enfermos e pregam a palavra nas casas. Bem, as Calins convertidas, e sempre junto vai uma pessoa mais velha da cultura, porém os ilutados só vão as não ciganas, as Calins não vão, porque sua cultura não permite. O momento de louvor tem a participação de ciganas e não ciganas (ELIANA, 2022).

Partindo das observações deste relato, fica evidente que, mesmo frequentando o culto neopentecostal, ainda há uma fronteira para participação das ciganas nos cultos.

O respeito a cultura do outro foi momento indicado numa fala de Eliana, quando afirmou que “as Calins não vão, porque sua cultura não permite” (ELIANA, 2020). Observa-se que alguns povos ciganos buscam manter suas culturas, sem influência

de outras religiosidades, por imposição dos líderes ciganos.

Na continuidade das entrevistas com Eliana, buscou-se verificar a visão dela sobre as ciganas frequentarem a igreja, ao que ela informou:

Em relação a frequentar, eu acho excelente, porque Deus tem mudado muitas vidas de mulheres ciganas e ciganos, tem dado libertação de doenças, bebedeiras e principalmente brigas. Eles agora estão mais livres para ir à igreja. Também é um meio de estar inserido. A igreja é um meio social e como tal, dá auxílio material as pessoas necessitadas, e também edificação de crescimento espiritual (ELIANA, 2021).

Eliana ainda relata que:

as mulheres sentam todas juntas e os homens juntos com os homens seguindo a tradição. Se tiver outras pessoas de outro grupo sentam separado. O mesmo gesto que fazemos elas fazem, elas gostam de louvar, conversa pouco, só quando pergunta, se não ficam quietas (ELIANA, 2021).

Nestes relatos, Eliana aponta indicativos de mudanças na cultura dos ciganos, ao afirmar que “Eles agora estão mais livres para ir à igreja. Neste sentido, cabe ressaltar que este comportamento está relacionado com as(os) ciganas(os) do Clã Calon do qual Ana é a líder.

Além disso, no relato acima fica evidente a forma como são organizados os cultos, tendo em vista as pessoas que participarão. É também indicado que as ciganas presentes se adequam aos procedimentos e ritos do culto neopentecostal.

Na continuidade das entrevistas com Eliana, ela aponta sobre quais são as formas de participação na igreja. Ela afirma que:

Olha, aqui na igreja a decisões quem dá só o pastor, nós a seguimos. A questão de gênero é dividida. Homem no púlpito, e as mulheres com a função em que citei para a senhora. Agora. Tem igreja neopentecostal que as mulheres pregam no culto, faz eventos, faz show. Aqui, não. Nós podemos até cantar em show, mas, a decisão é do pastor. Se ele decidir, sim, se não, não faz (ELIANA, 2022).

Diante do acima exposto, podemos verificar que, igualmente outras denominações religiosas, a igreja neopentecostal possui normatizações e regras sociais para o desenvolvimento e a participação em seus espaços, visando administrar a vida naquele grupo social.

Na fala de Eliana fica evidenciado o papel patriarcal na liderança da igreja neopentecostal, como é evidenciado em outros espaços religiosos. A demarcação de gênero na igreja neopentecostal é evidenciada pelo posicionamento espacial das pessoas durante a realização dos cultos.

Sobre a determinação das expressões de gênero no culto neopentecostal, Eliana informa que:

Homem não pode ter cabelo comprido e sim, padronizado curto. As vestimentas, calças social e camisa. Mulher deve usar cabelo comprido. As vestimentas devem ser compridas. Obreiros, no culto, terno e gravata (ELIANA, 2022).

Comparando com a cultura cigana, podemos notar que a vestimenta e o cabelo comprido carregam uma representação exclusiva do ponto de vista cultural sobre as mulheres nesses espaços, atestando como devem ser representadas em seus grupos, a fim de garantir uma obediência aos valores.

Na sequência de entrevistas, Eliana fala sobre o processo de conversão das ciganas, onde inicialmente fala que acredita na conversão das ciganas, porém, ainda afirma que:

Vai depender das pessoas. Tanto faz a mulher cigana, como não-cigana. Porque a conversão pode vir por um louvor, por uma oração e também tem que você seguir a Bíblia. Agora, quem só frequenta às vezes não seguem a palavra, isso depende de cada um. Para se converter, tem que deixar as coisas que não agrada a Deus: festa, bebida, briga, fumar, ler mão, isso os ciganos. Deus é a verdade (ELIANA, 2020).

Nesse ponto, Eliana, traz uma importante informação sobre como se dão os processos de conversão, podendo ser por louvores ou uma oração. A mudança ocorre do interior para o exterior, conforme a linha de entendimento da entrevistada. Na fala surge um ponto de destaque, quando Eliana afirma que, as pessoas convertidas tem de 'deixar as coisas que não agradam a Deus' e dentre as citadas ela inclui as práticas de adivinhação, ao falar em "Ler mão". O ponto de destaque é que essa é uma das práticas que já está associada ao senso comum sobre a representação das ciganas.

Associadas com as entrevistas com Eliana, as observações participantes nos cultos neopentecostais puderam delimitar que, neste ambiente, Ana e as outras mulheres ciganas aprendem e reafirmam os ensinamentos de gênero, corroborando com a posição de dominação do homem, sendo na figura do líder ou de serem os que podem subir no púlpito.

Inicialmente pensou-se que o fato de frequentar uma igreja neopentecostal apresentaria alterações em alguns marcadores da cultura cigana de Ana. Contudo, ao realizar a pesquisa e buscar esses marcadores étnicos foi possível verificar algumas questões, dentre elas podemos falar nas normas de comportamento como festa, bebida e brigas. Além dessas, são apresentadas normas de aparência que envolvem

vestimenta, cabelo e uma que envolve questões de crenças e religiosidades, o ler mãos.

Para podermos analisar essas questões apresentados pontos necessários para essa análise final. Cabe salientar que Ana passou a frequentar a igreja neopentecostal pouco antes da realização da pesquisa, o que pode ser um fator que não contribuiu na verificação da influência da cultura neopentecostal na identidade étnica dela.

Além disso, outros marcadores como: festa, bebidas, brigas, cabelo, vestimenta e ler mãos são pontos que, na cultura neopentecostal, podem ser modificados a fim de adequar a identidade cigana à essa nova cultura. Contudo, pelo fato de ser viúva Ana já realizou mudanças, de acordo com o que é preconizado pela cultura cigana ao se tornar viúva.

Diante disso, Ana pode participar de festas, contudo, não poderá fazer uso de bebidas alcoólicas. Em sua convivência, Ana não pode se envolver em brigas, também em função de sua condição de viúva.

No caso dos vestidos, uma das marcas da identidade cigana pela forma colorida, passam por modificação quando na condição de viúva, Ana afirma que nessa situação a cor dos vestidos é o preto.

Outra característica associada a identidade da mulher cigana está no ato ou rito de ler mãos, esse marcador da identidade é modificado quando a mulher passa à condição de viúva, ou seja, ela deixa de ler mãos, como ocorre com Ana.

Na cultura neopentecostal são observadas algumas dessas questões e as normas são as mesmas ou próximas a elas, por isso, e pelo fato de Ana ter passado a frequentar a igreja neopentecostal a pouco tempo antes das entrevistas, não se pode afirmar que essa alteração se trata de uma influência da cultura neopentecostal, tendo em vista que esses pontos foram modificados já pela obediência à cultura cigana e tendo em vista a condição de viúva.

Contudo, foi possível verificar nas observações participantes, que as ciganas podem substituir o ato ou rito de ler mãos por outro ato/rito na igreja neopentecostal, trata-se da imposição das mãos para a obtenção da cura.

Outro ponto que passa por modificação são os cabelos das ciganas, quando jovem e durante sua vida, os cabelos são compridos. Porém, na condição de cigana o cabelo é cortado, como Ana afirma: 'já as mulheres viúvas, corta o cabelo'. Ela ainda apresentou uma questão sobre isso: 'caso a viúva não queira cortar é porque tem a intensão de conviver com alguém'.

Esse é um ponto que chama a atenção, pois, apesar do que Ana traz sobre o cabelo da viúva, Eliana trouxe que 'Mulher deve usar cabelo comprido'. Esse pode ser um ponto de questionamento ou de escape da cultura neopentecostal. Contudo, essa questão é informada pelas ciganas ao passar a frequentar a igreja neopentecostal, que se trata de uma questão da cultura cigana e deve ser respeitada, pois, seu descumprimento seria contra a Lei cigana e a honra.

Além do que já foi informado acima, surge uma questão que seja indicadora, o fato de que Ana se apresente como frequentadora da igreja neopentecostal e não adepta ou participante. Essa condição não traz algumas das questões que são indicadas como obrigatórias para as pessoas que pertencem a igreja e por isso não sejam evidenciadas na cultura de Ana, além do pouco tempo que ela passou a frequentar.

Diante disso, podemos afirmar que Ana, mesmo passando a frequentar uma igreja neopentecostal, mantém sua identidade e marcadores da cultura cigana, seja por se encarar como frequentadora ou pelo pouco tempo de contato com a cultura neopentecostal.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta etapa traremos o objetivo da pesquisa e o foco dessa dissertação que esteve centrado na investigação a identidade étnica de uma mulher cigana líder de um Clã Calon.

Buscou-se situar, pela investigação, os marcadores étnicos do grupo Calon, abordando as especificidades desse Clã existente na cidade de Jequié. Um ponto de destaque inicial foi o fato de ter uma mulher como líder do Clã, sendo explicitado que o motivo dela ter assumido a liderança estava relacionado ao falecimento de seu marido, que era o líder do Clã, e que, antes de sua morte, a designa como líder após a sua morte.

Tomando o referencial teórico da Hermenêutica da Profundidade (Thompson,1995), em suas três fases, foi possível analisar, interpretar e reinterpretar os marcadores da identidade étnica da cigana líder do Clã Calon.

Foi necessário apresentar as definições das categorias que seriam utilizadas como bases para a pesquisa e escrita dessa dissertação. Neste caso as categorias foram: cultura, identidade, identidade étnica, ciganos. A partir dessa definição foi possível utilizá-las como base para as análises das falas de Ana e para a análise dos dados.

Diante disso, investigamos a identidade desta líder, através de marcadores que foram selecionados, tais como: origem do Clã, a língua, a infância nos grupos Calon, a constituição da família da participante, o casamento no grupo, os processos de morte e luto bem como os aspectos da religiosidade cigana.

Os estudos sobre a identidade étnica da cigana líder do Clã permitiram a compreensão do universo simbólico da cultura cigana Calon, em específico a expressão cultural deste Clã Calon, onde também foi possível analisar essa identidade após a participante passar a frequentar uma igreja neopentecostal.

As análises foram baseadas nas falas de Ana, a partir das entrevistas realizadas ao longo da pesquisa, bem como nas entrevistas realizadas com Eliana, contribuidora sobre os aspectos da participação da cigana nos cultos neopentecostais.

Foi possível identificar que a religiosidade dos ciganos é livre, embora a

maioria se apresente como católicos, com devoção à Nossa Senhora Aparecida e Santa Sara Kali, contudo, não frequentam a igreja. Ana, contudo, afirma frequentar uma igreja neopentecostal, reforçando a fala de que a religiosidade cigana neste Clã Calon é livre, mesmo sendo ela a líder do Clã.

Constatou-se ainda que, mesmo com o passar a frequentar a igreja neopentecostal, não foi possível afirmar que houve modificação na identidade cultural de Ana, tendo em vista o pouco tempo que iniciou a frequentar e o início da pesquisa. Como também pode ter sido pelo fato de que alguns dos marcadores analisados não sofreram modificação ao adentrar na cultura neopentecostal pelo fato de sua condição de viúva, a qual, pela cultura cigana, já acarreta mudanças em alguns aspectos dos marcadores verificados.

Porém, ainda foi possível verificar que um marcador da identidade cigana foi mantido, apesar de que na cultura neopentecostal ser exigido o contrário. Esse marcador foi o cabelo, pois, na cultura cigana, a viúva corta seu cabelo e o mantém assim pelos de sua vida, em respeito ao marido, em observância à Lei cigana e pela honra.

Outro marcador ou aspecto da cultura cigana Calon está no ato ou rito da leitura de mãos, o que passa a não ser utilizado quando passa a frequentar a igreja neopentecostal. Contudo, neste espaço pode-se ser encontrado um substituto para esta atividade, trata-se da imposição das mãos.

Cabe ressaltar, como parte da conclusão da análise desta identidade, que, mesmo frequentando uma igreja neopentecostal, Ana ainda mantém seu papel como líder e reforça a necessidade de atenção a Lei e a Cultura cigana no Clã Calon.

Enfim, a identidade da mulher cigana deste Clã Calon traz informações que podem ser importantes para o diálogo com outras identidades nos grupos Calon existentes, seja pelo fato de se ter uma líder de no Clã ou pelo fato dela frequentar uma igreja neopentecostal.

Sugere-se, como perspectiva futura deste trabalho, o aprofundamento na investigação da identidade étnica da cigana na continuidade do frequentar à igreja neopentecostal e os desdobramentos dessa continuidade, principalmente no caso dela se tornar adepta.

REFERÊNCIAS

- BAUER, M. GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. Cap. 1. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.) Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 7. Ed. Petrópolis: Vozes 2008.
- BERGAMINI, Cecília W. O que não é motivação. Revista de Administração, São Paulo, 21(4): 3-8, out. /dez. 1986.
- CARVALHO, Nilo Barbosa. Monografia de Especialização. A influência do Legado Africano no Bairro do Pau Ferro- Jequié-Ba UESB- Jequié, 2011.
- CHIAVENATO, I. Introdução à teoria geral da administração: edição compacta. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2009
- CHINA, J. d'OLIVEIRA. 1936. "Os ciganos do Brasil", Revista do Museu Paulista, Tomo XXI, pp. 323-669 [existe uma 'separata' deste ensaio em forma de livro, e que começa a partir da página 1].
- CIAMPA, A. C. A estória de Severino e a história de Severina. Um Ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense. 11ª reimpressão, 1987/2009.
- DANTAS, José Aclecio; GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. MAPEAMENTO DA POPULAÇÃO CIGANA EM JUAZEIRINHO-PB. Anais da III Semana de Antropologia do PPGA/UFPB, 2013 [recurso eletrônico]: O Ofício do Antropólogo. João Pessoa: Ideia Editora, 2013, pp. 63-67. ISSN: 2318 – 6399
- DENZIN, N. K. **Interpretive biography**. Newbury Park: SAGE Publications, Inc., 1989.
- DUBAR, C (1997). Para uma teoria sociológica da Identidade. Em a socialização. Porto Editora.
- EVANS, Leighton. Authenticity. Online: using webnography to address phenomenological concerns.
- FAZITO, Dimitri de A. R. Transnacionalismo e Etnicidade: A construção Simbólica do Romanesthan. Dissertação de Mestrado. DSA-UFMG- Belo Horizonte, 2000.
- FERRARI, Florencia. O mundo passa: uma etnografia dos ciganos Calon e suas relações com os brasileiros. São Paulo: USP, 2010 (Tese de doutorado).
- FORTIN, M (1999) O processo de investigação da concepção a realização. Loures Lusociências.
- GOICOECHEA, Eugenia Ramiréz. Etnicidad, Identidad, Interculturalidad: Teorías, Conceptos y Procesos de la Relacionalidad Grupal Humana. 1. ed. Madrid: Editorial Centro de Estudios Ramón Areces, S. A., 2011.
- GEERTZ, C. A. interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GUIMARAIS, Marcos Toyansk Silva. O Associativismo Transnacional cigano: Identidade, Diáspora e Territórios. São Paulo, 2012.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARCELOS, Valter Luiz dos Santos. Jequié: Dinâmica e Retrações Urbanas. Salvador, 2020 – 211f.

MELLO, Moraes Filho, A.F. Os ciganos no Brasil & Cancioneiro dos ciganos, Belo Horizonte, Itatiaia, 1981, pp.35-37.

MOONEN, Frans. Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil. Recife, 2011.

MONTEIRO, E. N. J.; GOLDFARB, M. P. L. A infância Calon: notas sobre o “ser criança” entre os ciganos do Vale do Mamanguape – Paraíba/Brasil. Fragmentos de cultura, V. 27, n. 1, p. 19-29. 2017.

NUNES, O.: O povo cigano. Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1981.

OLIVEIRA, Cardoso de Roberto. Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo: Pioneira, 1976.

PROJETO ENCONTROS. Observatório sociodemográfico das comunidades ciganas. [S. I.], 2010.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. (Org.). Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Pedro: Vértice, 1988.

SAN ROMÁN, T. Culture traditionnelle et transformations de l’identité ethnique chez les gitans espagnols en voie d’intégration. In: WILLIAMS, Patrick (org.). Tsiganes: identité, évolutions. Paris: Éditions Syros, 1989, p. 203-211.

SANTOS, José Luis dos. O QUE É CULTURA? São Paulo: Brasiliense ,2006 (Coleção primeiros passos;110

SANTOS, Boaventura de Souza. A cruel Pedagogia do Vírus. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2020

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 9 eds. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SOUZA, Indira Silva. Os Fortuna Rebouças: A presença de um Núcleo Familiar cigano na Cidade de Itabuna e suas Relações Socioculturais com a Sociedade não-cigana (1980-1990) Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/ Ilhéus- Ba, 2012.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. História dos ciganos no Brasil –Recife- Núcleo de Estudos Ciganos, 2008, 127pp.

THOMPSON, J. B. Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2000.

THOMPSON, John B. (1995). Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Vozes.

VIEIRA, C. M. S. Brincadeiras Populares: um resgate da cultura do brincar. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão. _ São Luís: EDIFMA, 2019. 91p.